HIP HOP LUSO-GALEGO 22

Língua Nativa é um projeto editorial que explora o mundo de língua galego-portuguesa através das músicas relacionadas com a eletrónica. Falamos com o Richard Cascalhar, que responde à alcunha de Deloise, sobre o projeto.

A MENTIRA DO PIB 10

A inclusom de atividades como o tráfico de drogas ou a prostituiçom no PIB volve lembrar que este índice nom reflete a qualidade de vida da populaçom. No entanto, outros índices alternativos mostram as realidades ocultas no PIB.

"Confiamos na absoluçom de Carlos Calvo. Se nom é aqui, será em Estrasburgo"

BENET SALELLAS
advogado do preso político galego Carlos Calvo Varela
Pág. 6 e 7

NÚMERO 142 | 15 DE NOVEMBRO A 15 DE DEZEMBRO DE 2014 | 2 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

LOUZÁN FAVORECE AMIGOS DESDE A DEPUTAÇOM

DO CONTRABANDO A 'LA VUELTA', OS NEGÓCIOS NOM MUDAM DE MAOS

O empresário vilanovês José Luís Núñez Miser foi beneficiado com negócios milionários na ediçom da Vuelta Ciclista a España do ano 2013. Miser, também conhecido por 'Chicho' ou 'o Rúbio', estivo relacionado com o tráfico ilegal de tabaco no passado e, a dia de hoje, é integrante do círculo próximo do presidente da Deputaçom de Ponte Vedra Rafael Louzán. Graças a essa amizade, algumhas das suas empresas recebérom as encomendas de acondicionar a bateia donde saiu o pelotom em Vila Nova de Arouça e de transportar os corredores por mar, trabalhos que lhe reportárom vários milhons de euros. / PÁG. 16-17

PRECARIEDADE NO JORNALISMO

A greve falida do Diario de Pontevedra

O que ia ser umha greve dumha semana como mínimo durou finalmente apenas umhas horas. Trabalhadoras do *Diario de Pontevedra* acusam os delegados da CIG e UGT de se ampararem em que a empresa "nom ía fazer mais ofertas" para assinar um acordo que nom readmite as despedidas. No entanto, o presidente do Comité nega-o e defende que os delegados só achegárom as suas opinions pessoais. O acordo prevê a estabilidade laboral até 2016 e antecipa seis meses o cese da reduçom salarial. / PÁG. 18-19

CATALUNYA APÓS O 9-N

Foi a consulta, segue a desobediência

Longe de remitir, o debate em Catalunya seguiu evolucionando após a consulta do 9 de novembro. Além dum possível adianto eleitoral, a maior interrogante neste momento é o conteúdo dos programas para essas eleiçons "plebiscitárias" e, nomeadamente, a eventual inclusom dumha declaraçom unilateral de independência. Fontes próximas ao Conselho Nacional de Transiçom explicárom que o governo de CiU já leva tempo preparando este possível cenário. / PÁG. 12-14

Xosé Lois García na Galiza tropical

O especialista em literatura africana em língua portuguesa é um dos galegos mais reconhecidos nesse continente / PÁG. 20-21

OPINIOM

O VELHO QUE NOM ACABA DE MORRER por José Ángel Brandariz / 3

9-N: DEMOCRACIA DE MÍNIMOS M. Manyosa / 3

UM TIPO MUI BEM EDUCADO Séchu Sende / 28

SUPLEMENTO CENTRAL A REVISTA

A COZINHA GALEGA ATRAVÉS DE DUMAS
Carlos C. Varela aproxima-nos das opinions vertidas por Alexandre Dumas pai a respeito da cozinha galega na sua obra

UM MAPA CONTRA O CACIQUISMO
Viajamos ao século XIX da mao de Óscar Valadares para conhecermos o contexto político da Galiza retratada por Fontám

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tés algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou extratá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Endereço: pelourinho@novasgz.com

JUNTA METE OUTRA VEZ AS ESCAVADORAS NA FROUXEIRA

A Direçom Geral de Conservaçom da Natureza vem de anunciar o início dumha nova e irracional alteraçom da lagoa da Frouxeira (Valdovinho) que culminará, outra volta, com o esvaziamento mecánico da zona húmida.

De nada servírom as seis figuras de proteçom que possui a Frouxeira, os bulldozers já estám instalados sobre as dunas grises (habitats prioritários) e só aguardam a ordem para iniciar o esvaziado artificial da lagoa.

Semelha que a Junta, que no seu momento permitiu a construçom dum deficiente passeio litoral situado por baixo da cota de inundaçom ordinária da lagoa, prefere degradar e alterar o equilíbrio ecológico deste espaço, antes do que modificar umha obra que nunca deveu construir-se desse modo.

A Direçom Geral de Conservaçom da Natureza, executora da abertura, é também a promotora dum nefasto e mutilado Plano de Conservaçom que nom achega nengumha soluçom aos graves problemas que sofre este espaço. No último rascunho deste Plano presentado ante a COGAMADES exclui-se, por exemplo, a presença na Frouxeira de habitats naturais protegidos amplamente distribuídos e recolhidos em distintos documentos técnicos.

No operativo atopa-se também o atual Chefe de Serviço de Conservaçom da Natureza da Corunha e antigo Subdiretor Geral de Espaços Naturais, Rogelio Fernández, que cessou no seu cargo trás um escandoloso viagem à Colômbia enquanto ardiam o Monte Pindo e outros singulares espaços naturais. Outra das suas atuaçons, o dragado da Ría de Ferrol, levou-no declarar diante do juiz, acusado polo Fiscal de prevaricaçom, falsidade documental e delito ambiental.

ADEGA considera que os reponsáveis políticos da natureza galega deveram gerir os nossos espaços naturais, e concretamente a lagoa da Frouxeira, com critérios racionais e científicos, cumprindo as leis e evitando a degradaçom ou destruiçom dos componentes da biodiversidade e da geodiversidade, e nom ao contrario.

Por iso, resulta inconcevével que em pleno século XXI as consequências dumha má planificaçom (a construçom do passeio litoral na Frouxeira), tentem resolver-se destruindo umha das zonas húmidas mais raras e frágeis que existem no litoral europeu: as lagoas costeiras. Co dinheiro esbanjado pola Direçom Geral de Conservaçom da Natureza nas distintas atuaçons eesvaziados anteriores, o passeio já poderia estar reformado evitando ter que meter de novo as máquinas na lagoa.

Diante do iminente início do operativo e os prováveis novos danos, ADEGA vem de apelar à Fiscalia de Meio Ambiente do TSXG, ao Comité Espanhol de Zonas Húmidas e à Secretaria da Convençom Ramsar.

ADEGA

HUMOR MINCINHO

EDITORIAL

Onde o crime é lei

Cada semana novas fotografias e números voltam pôr por cima da mesa, desvendada para quem ainda teimar em nom querer ver o evidente, a estreita relaçom do atual governo da Junta com o mundo dos negócios ilegais, chamem-se contrabando ou tráfico de influências. Fora eufemismos, a simbiose entre o Partido Popular e o 'empresariado' do narcotráfico é estrutural e vem de velho. Para mostra, som -insuficientemente- conhecidos os 'bonos-ajuda' que recebiam os doadores de dinheiro ilícito para a campanha de Fraga Iribarne à presidência da Junta da Galiza em 1990, os mesmos comícios que dava começo à infame 'era Fraga'. Mais de mil milhons de euros teriam sido os que o PP recebeu naquela época perto de mil milhons de euros da droga.

Com certeza, Núñez Feijoo nem tivo que trabalhar demasiado em construir umha trama da que fai parte polo próprio feito de liderar o Partido Popular, e que em pleno rendemento para alguns daqueles narcos e contrabandistas, reconvertidos ante a impassividade dos aparatos policiais e judiciais em empresários de bem, e parte do círculo mais íntimo de Rafael Louzán, que se ajunta em festas de celebraçom da amizade das que o presidente da Junta é também convidado eventual.

Os poderes fáticos do construto autonómico tenhem chegado a sé-lo numha sequência de violências dirigidas contra o povo galego, nom por casualidade ou arte de mágia. A 'casta' à galega nom é 'casta' asética e ambígua, mas máfia pura e dura com raízes nas cunetas do '36, com raizes no andaço do cabalo e a farinha, com raizes no espólio sistemático de dinheiro público através de acordos selados em mesas de luxo, em salons de novo rico.

A liçom é inevitável: ante uns níveis de corrupçom tais que se algo tem demonstrado o estado é a sua inoperáncia, nom cabem respostas que falem em regeneraçom democrática enquanto nom declinarem tal reivindicaçom pola abertura imediata dum processo constituinte e a dissoluçom do aparato de cobertura do narcogoverno galego.

EDITORA
A.C. MINHO MEDIA

CONSELHO DE REDAÇOM
Iván G. Riobó, Aarón López Rivas, Rubén Melide, Xavier Miquel, Raul Rios, Xoán R. Sampedro, Olga Romasanta, Beti Vázquez, Alonso Vidal e Ana Viqueira

COORDENAÇOM: Xoán R. Sampedro

SECÇONS
Cronologia: Iván Cuevas / **Economia:** Raul Rios / **Mar:** Afonso Dieste / **Media:** Xoán R. Sampedro e Gustavo Luca / **Além Minho:** Eduardo S. Maragoto / **Povos:** José Antom 'Muros' / **Dito e Feito:** Olga Romasanta / **A Denúncia:** Iván García / **Desportos:** Anjo Rua Nova e Xermán Viluba / **Consumir Menos, Viver Melhor:** Xan Duro / **A Criança Natural**: Maria Álvares Rei / **Agenda:** Irene Cancelas / **A Revista:** Rubén Melide / **A Galiza Natural:** João Aveledo **Língua Nacional:** Isabel Rei Samartim / **Criaçom:** Patricia Janeiro / **Cinema:** Xurxo Chirro, Iván García Ambruñeiras e Julio Vilariño

MAQUETAÇOM: H. Carvalho, Manuel Pintor

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ, Sole Rei, Galiza Independente (GZI-Foto), Zélia Garcia, Borja Toja

ADMINISTRAÇOM: Carlos Barros Gonçales

AUDIOVISUAL: Galiza Contrainfo

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pestinho, Xosé Lois Hermo, Gonzalo, Ruth Caramés, Pepe Carreiro, Mincinho, Beto

FECHO DE EDIÇOM: 25/11/2014

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Xiam Naia, F. Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero, Javier Garcia, Iván Velho, José Dias Cadaveira, Albano Coelho

COLABORAM NESTE NÚMERO
Maria Álvares, José Ángel Brandariz, Carlos Calvo Varela, L. Dopazo Ruibal, Maria Manyosa Masip, Mincinho, Adriana P. Villanueva, Sílvia Pinha, Salvador Rosa, Séchu Sende

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência.

OPINIOM

O velho que nom acaba de morrer: crise constituinte e funçom policial

José Ángel Brandariz

É bem sabido que desde o começo da Grande Recessom a distância entre ricos e pobres em termos de renda se tem ampliado de jeito muito preocupante. Pode que essa crescente alteridade nom se manifeste só nunha cuestióm de recursos. A fractura nom é menor polo que se refere à análise sobre a profundidade da crise dos cimentos simbólico-políticos do que se deu em chamar o Regime da Transiçom.

O governo do PP nom logrou captar a densidade da crise como acontecimento, a pesar de que cada vez há menos pessoas que compartem a sua visom de normalidade e transitoriedade do momento presente. De feito, a progressiva consolidaçom de umha consciência coletiva sobre a necessidade e a oportunidade dum momento constituinte é simplesmente inegável.

Nesse *gap* cognitivo reside o sentido do que tem passado nos últimos anos no eido dos direitos e liberdades: moita improvisaçom no governo da protesta social e ausência de capital político suficiente para levar adiante inovaçons legislativas. A história da reforma do aborto, a da reforma eleitoral e a da reforma do código penal (simplesmente irrealizável tal como foi pensada) som os melhores exemplos do antedito.

Contudo, há outro capítulo desta história que ameaça com concluir de forma diferente: a aprovaçom de umha nova Lei de Seguridade Cidadá, alcumada como Lei da Mordaça. Trata-se de um projeto de lei que é mais discreto do que os anteriores e que, a diferença destes, até o momento tem sido impulsado por parte do governo estatal de forma decidida. Umha parte do projeto é conhecida: a nova lei sanciona especificamente todo o repertório de açons despregadas polos movimentos contra o reparto inequitativo da pobreza nos últimos anos. O menos conhecido é que, junto a isso, a nova lei reforma em profundidade –com grande precisom técnica- o conjunto dos poderes de coerçom policial, ampliando notavelmente as potestades de realizar identificaçons, registos, cacheios, proibiçons de aceso, etc., de jeito praticamente discrecional. Ao mesmo tempo, o projeto constrói umha nova conceçom da seguridade cidadá, integrando nela á seguridade privada e estabelecendo a obriga específica da populaçom de colaborar coa polícia.

> O projeto da Lei da Mordaça constrói umha nova conceçom da seguridade cidadá, integrando nela à seguridade privada e estabelecendo a obriga específica de colaborar com as polícias

Em suma, o projeto de lei consagra umha ampliaçom das potestades de polícia e o corte dos direitos civis. Um salto qualitativo nom menor na direçom imposta desde a Transiçom: a escassa sensibilidade cara aos direitos e liberdades num processo de democratizaçom excessivamente demediado. Perante as demandas massivas de democracia, os marcos cognitivos e jurídico-políticos do sistema se resistem a morrer. Mais umha vez, nos momentos de crise se verificam todo tipo de fenómenos morbosos.

9N: democracia de mínimos

Maria Manyosa Masip

O do 9N em Catalunya foi sobretodo um descanso. Um suspiro de «ao fim». Sem quitar-lhe mérito ao episódio histórico e superada a emoçom contida do dia, que pessoalmente destinou-se a estar pendente da reaçom do governo de Espanha e mais concretamente do exército espanhol, a jornada desenvolveu-se jornalisticamente «tranquila e sem incidentes relevantes remarcáveis».

O fodido do 9N é que chegou descafeinado e canso. Primeiro foi a rebaixa de referéndum a consulta, depois a foto de paripé para falsear a unidade dos partidos de esquerdas e finalmente colárom-nos umha pergunta pactuada mas trampulheira que deu percentagens para contentar a todos. Neste panorama a proibiçom da festa legítima mas nom vinculante forçou a desobediência até da minha avó. Absolutamente maravilhoso.

O bom que sacamos de tudo isto é sem dúvida o curso intensivo sob direitos, deveres, democracia, legalidade e legitimidade que fixo boa parte da populaçom que vive em Catalunya, que nem tam mal. O segundo é a verbalizaçom das vontades. Nom falo de urnas nem de participaçom senom do debate nas ruas dos cidadáns, e nas televisons dos políticos, que após 40 anos de ditadura e de outros tantos de maldita transiçom tampouco está nada mal. Medo mete pensar na ceia do Natal deste ano na qual todo aponta que se falará de política na mesa (!), o nunca visto –na minha casa, claro está-.

> Podemos aproveitar para reivindicar o direito ao emprego, à vivenda, a uns serviços sociais públicos e de qualidade e a umha vida digna para todas, que seria o mínimo

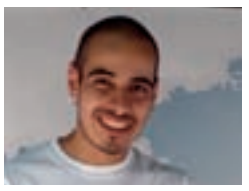
Em fim, que o do 9N estivo bem para um governo que se foi acoplando sempre ao que toca e ao que nom toca, e que ainda tem medo a rachar com a legalidade injusta e desobedecer. Mas sobretodo estivo bem como exercício real de democracia e para pôr acima da mesa a necessidade de falar de direitos soberanos. E já que estamos a ver se podemos aproveitar para reivindicar o direito ao emprego, à vivenda, a uns serviços sociais públicos e de qualidade e a umha vida digna para todas, que seria o mínimo.

ACONTECE

O PARLAMENTO RESPALDA O ESTADO PALESTINIANO

Todos os grupos do Parlamento galego apoiárom umha iniciativa para instar o Governo espanhol a reconhecer o novo Estado palestiniano. A petiçom, similar à aprovada antes no Congresso, entende que o Estado é "a única soluçom possível" para a paz.

DESLOCADO O PRESO RAUL AGULHEIRO



O preso político Raul Agulheiro foi deslocado para o centro penitenciário de Mansilla de las Mulas, em Leom; onde se encontra a presa Maria Osório. Ceivar informou de que o preso reportou um trato correto e bom estado físico e anímico.

Feijóo acurralado pola corruçom

O SUMÁRIO DA OPERAÇOM ZETA ASSINALA PAGAMENTOS EM B AO PP

NGZ / Nas sessons de controlo do parlamento, o presidente da Junta da Galiza, Alberto Núñez Feijóo, enroca-se na negativa. Desde a oposiçom perguntam-lhe: "está em condiçons de desmentir, rotundamente, que é falso que você advertisse ao senhor De Lucas de que tinha os telefones pinchados? No sumário alude-se a pagamentos em B por parte da trama ao seu partido, pode afirmar também de jeito categórico, que é falso?". Ele, com a sua fingida imagem de bom gestor da 'cousa pública', afirma que nom é certo e assinala que nom tem medo a comparecer numha sessom monográfica sobre a operaçom Zeta, mas tal sessom especial nunca se produz.

Outra resposta habitual dos governos do PP é deitar balons fora e afirmar, em base a dados questionáveis, que governos anteriores de diferente cor político também ofereceram dinheiro público às empresas e associaçons agora investigadas. Mas os indícios nom apontam apenas a umha quantidade milionária de dinheiro público defraudada, senom também à rede de influências políticas necessária para executar esta fraude e a qual estava nucleada arredor do PP e de empresários afins.

Rajoy e Feijóo em companhia do suposto conseguidor Pachi Lucas (em camisa branca, aplaudindo) durante um espetáculo taurino em Ponte Vedra

O presidente e o conseguidor

E, nesta ocasiom, o presidente Feijóo aparece no sumário relacionado com o principal 'conseguidor', segundo as investigaçons policiais, da trama articulada para a consecuçom de dinheiro público através de associaçons declaradas sem ánimo de lucro. Esta figura seria o empresário madrileno Francisco Javier 'Pachi' de Lucas Blanco, contato fundamental que se encarregava de preparar entrevistas entre o empresariado imputado e a administraçom, açons polas que Pachi de Lucas cobraria dos empresários da trama. A amizade entre de Lucas e Feijóo foi refletida nos meios de comunicaçom, que asseguram que de Lucas mesmo chegou a pernoctar na residência presidencial do Monte Pio. No próprio sumário se recolhem mails enviados por ele ao presidente da Junta.

Ante a bomba mediática que foi a Operaçom Zeta, o seu principal imputado, o empresário corunhês Gerardo Crespo, com forte ligaçom ao PP, arremeteu contra Pachi de Lucas e declarou perante os meios que teria contratado este homem por ser o "melhor amigo" de Feijóo e acusou ao presidente da Junta de receber filtraçons e alertar a de Lucas a cortar relaçons com os empresários da trama.

20 milhons de euros

Crespo situa-se à cabeça da consultoria Azetanet e de outras associaçons que se declaram publicamente sem ánimo de lucro e quem foi detido no mês de setembro. Na mesma redada policial, cairam, entre outros, o presidente da Confederaçom de Autónomos e Profissionais de Espanha (Caype), Eliseo Calviño, e dirigentes da Federaçom de Autónomos da Galiza (Feaga). A presunta trama que investiga a operaçom Zeta, e que envolve a todos estes atores, teria desviado um total de 20 milhons de euros de dinheiro público.

Esta investigaçom também lhe custou o posto a um membro da Junta, em concreto, ao ex diretor geral de Formaçom, Odilo Martiñá, quem abandonava o cargo em setembro deste ano por "motivos pessoais". Posteriormente, conhecia-se que por aquelas datas teria sido chamado a declarar ante a Polícia pola sua presunta relaçom com a trama Zeta e, recentemente, os julgados decidiam imputá-lo neste caso de corruçom política.

Pagamentos a partidos e politicos

As pesquisas policiais também descubrírom a contabilidade B das empresas desta trama, que contaria com pagamentos ao PP e cargos públicos. Segundo fôrom expondo os meios de comunicaçom, as empresas de Gerardo Crespo teriam abonado ao PP uns 17.000 euros em 2011. Por outra banda, o demitido Odilo Martiñá teria recebido milhares de euros das empresas de Crespo entre 2009 e 2011, quando era diretor geral de Relaçons Laborais. A contabilidade B também recolhe pagamentos ao chefe territorial da Conselharia de Traballo e Bem-Estar da Junta na Corunha, Luis Alberto Álvarez Freijido, também imputado na ampliaçom da causa efetuada neste mês de novembro.

CRONOLOGIA

11.10.2014 / Comunidade de Montes de Mourente (Ponte Vedra) comunica que iniciou o processo para reclamar os seus direitos sobre os terrenos que ocupa o hospital de Montecelo.

14.10.2014 / Associaçom ecologista Arco Iris denuncia que umha auditoria do 2012 desvenda gastos por 10 milhons sem justificar durante o Prestige.

15.10.2014 / Brigadistas florestais exigem na Praça do Obradoiro melhores condiçons salariais e laborais.

16.10.2014 / Meio cento de pessoas concentram-se frente ao Parlamento asturiano contra o projeto mineiro de Salave (Tápia).

17.10.2014 / Stop Despejos concentra-se diante das sedes do IGVS na Corunha, Lugo, Compostela, Ferrol e Ourense.

18.10.2014 / Sem-teito de 30 anos aparece morto na Corunha.

19.10.2014 / Instituto de Estudos Minhoranos denuncia a desapariçom de umha roca com petróglifos no jazigo de Santa Luzia de Víncios (Gondomar).

20.10.2014 / Absolvidas as seis ativistas de "Stop Despejos" detidas na Corunha em outubro de 2013.

21.10.2014 / 'La Voz de Galicia' desvenda que a prisom de Pereiro incorporou em outubro dez vigilantes privados.

22.10.2014 / Trabalhador morre ao ficar atrapado por um elevador de construçom em Vimianço.

23.10.2014 / Plataforma Galega pola defesa do direito ao aborto e Plataforma para a Defesa da Sanidade Pública concentram-se na Corunha contra os cortes aos Centros de Orientaçom Familiar.

24.10.2014 / Polícia espanhola detém e regista na Corunha, durante mais de meia hora, o autocarro que levava os integrantes da Marcha da Dignidade cara umha manifestaçom em Uvieo (Astúrias).

25.10.2014 / Alunado e docentes das aulas de ESO para adultos de Porto Doçom manifestam-se para reclamar o pago dos atrasos ao professorado.

26.10.2014 / Meio cento de pessoas concentram-se em Lires (Cee) para exigir a volta do helicóptero de Salvamento Maríti-

RESPOSTA INCOMPLETA DO GOVERNO SOBRE O PRESO DA LAMA

Ante a pergunta formal do BNG sobre a situaçom de E.S.P., preso no cárcere da Lama que estivo dous meses em greve de fome, o Governo limitou-se a indicar que a greve já finalizara e negou qualquer irregularidade. Evitou assim respostar às perguntas relativas às reiteradas denúncias sobre vulneraçom dos direitos humanos.

PP CHAMA IRRESPONSÁVEL AO BOMBEIRO QUE EVITOU UM DESPEJO

Foi durante um debate parlamentar no que AGE pretendia reprovar "a conduta inquisitorial da Subdelegaçom do Governo" no caso de Roberto Rivas, o bombeiro que se negou a despejar a Aurélia Rey. Gonzalo Trenor (PP) chamou-lhe irresponsável e acrescentou que o seu dever é "cumprir a lei" à margem "de interesses ideológicos".

ONU questiona Espanha em matéria de direitos humanos

NGZ / O Comité de Direitos Humanos da ONU vem de publicar as questons que deverá contestar o Governo espanhol para o exame ao que será submetido entre junho e julho de 2015, segundo umha nota difundida por Esculca. As perguntas remetidas servirám para confecionar o VI Relatório Periódico deste organismo, relativo ao cumprimento do Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos. Algumhas das questons submetidas a exame já venhem de velho, como a incomunicaçom penitenciária ou os crimes do franquismo e a memória histórica; enquanto outras som relativas a novas reformas introduzidas polo executivo de Rajoy, como a lei de Seguridade Cidadá (popularmente conhecida como 'lei mordaça') ou a lei de Taxas judiciais.

Em matéria de nom discriminaçom, o Comité pregunta especificamente polo fortalecimento do organismo estatal contra a discriminaçom étnica, questionado repetidas vezes pola sua falta de independência. Também figuram no questionário várias medidas que estavam na agenda mas nom fôrom implementadas, como o Segundo Plano de Direitos Humanos ou o desenvolvimento da Lei de Igualdade Efetiva entre homens e mulheres. Por outro lado, os expertos solicitam informaçom sobre as "medidas tomadas para pôr fim aos controlos policiais baseados em perfis raciais e étnicos", prática pola que já foi condenado o Estado espanhol.

Quanto aos direitos dos migrantes, o Comité mostra-se preocupado polos casos de maus tratos dos Centros de Internamento de Estrangeiros (CIE) e "o uso excessivo da força por parte das autoridades migratórias", nomeadamente após a tragédia da praia do Tarajal em Ceuta. O executivo de Rajoy deverá dar conta também dos "abusos cometidos no procedimento de expulsom de estrangeiros", abusos que de facto agora pretende formalizar com umha emenda à Lei de estrangeiria.

O Comité também alberga dúvidas sobre aquelas práticas que podem levar a torturas e maus tratos por parte dos corpos policiais. Interrogam o Governo especificamente pola detençom incomunicada, pola investigaçom e sançom das torturas, polas concessons a indultos a agentes das forças de segurança já condenados por maus tratos e pola ausência dum mecanismo independente de supervisom das atuaçons policiais.

Apesar de que a reforma da Lei do Aborto foi retirada, a ONU inclui também umha pergunta específica sobre como é "garantido o acesso ao aborto" e as medidas adotadas para informar sobre "métodos de contraceiçom" e para "promover a educaçom sobre a saúde sexual e reprodutiva de adolescentes". O Comité questiona também a Lei de Taxas (já em vigor) e o Projeto de Lei de Asistência Jurídica Gratuital, a reforma do Código Penal e a 'Lei Mordaça', esta última pola sua "afetaçom ao direito de reuniom pacífica e à liberdade de expresom".

Oitenta mil desempregados levam dous ou mais anos sem prestaçom económica

NGZ / Os dados oficiais continuam botando por terra a tese da recuperaçom económica. O último Inquérito da Populaçom Ativa (EPA) desvenda que a situaçom laboral segue piorando para milhares de trabalhadores, tanto na Galiza como no Estado espanhol. Na Comunidade Autónoma Galega, há já 82.928 pessoas desempregadas que levam dous anos ou mais sem trabalho e sem cobrar nengum tipo de prestaçom. Para fazer-se umha ideia, esta cifra representa um terço do total de desempregados galegos.

A cifra aumenta ao atender às pessoas que levam mais dum ano sem trabalho e sem prestaçom: som já 116.000. E ao contabilizar o total de pessoas sem nengum tipo de prestaçom, atendendo aos dados da EPA do terceiro trimestre de 2014, o número supera já as 170.000. Galiza bate assim umha nova marca da crise: cem mil parados sem prestaçom mais dos que havia no mesmo trimestre de 2008.

Apesar desta situaçom, um informe elaborado recentemente por Enrique Negueruela (CCOO) assinala que os Orçamentos do Estado para 2015 contemplam um corte de 5.648 milhons de euros para políticas de emprego. Umha cifra que supom o 36% dos fundos com os que contava esta nota em 2011.

CRONOLOGIA

mo, que leva messes em Santiago de Compostela.

27.10.2014 / Militáncia de Cerna aprova abandonar Anova com 75% dos votos.

28.10.2014 / Emigrantes retornados manifestam-se em Compostela para reclamarem umha soluçom definitiva às multas que recebem de Fazenda.

29.10.2014 / Mesa pola Normalizaçom Linguística denuncia que o escritório da Agência Tributaria em Santiago sanciona-os por "obstruçom" trás solicitar receberem as notificaçons em galego.

30.10.2014 / Apresenta-se em Cangas a Comissom polo Pasamento Laico, que ideia enterramentos com cerimónias nom religiosas e em galego.

31.10.2014 / Pleno da Cámara de Padrom aprova por unanimidade solicitar à Subdelegaçom do Governo maior vigiláncia da Guarda Civil no concelho.

02.11.2014 / Coletivo Imán fai homenagem em Castrelos aos 11 sem teto falecidos durante o ano passado em Vigo.

03.11.2014 / Comissom vizinhal de Riotorto denuncia a falta de um segundo médico no centro de saúde da localidade.

05.11.2014 / Dous moços detidos em Compostela polo boicote à presença de Feijoo na Faculdade de Matemáticas a dia 23. Após dous dias é detida umha terceira pessoa.

06.11.2014 / Governo espanhol anuncia que vai conceder o indulto às pontevedresas Ana e Tamara condenadas a três anos de prisom por participar numa protesta sindical.

07.11.2014 / Mobilizam-se unidades anti-terroristas em Vigo por uma pota deixada por umha mulher de caminho aos julgados com a ideia de recolhê-la à saída.

08.11.2014 / Antonio Landeira Gallardo, alcalde de Santa Comba, apresenta a demissom "por motivos pessoais". Relaciona-se a sua marcha com ter sido detido por conduzir ébrio.

09.11.2014 / Umhas 250 pessoas marcham polo monte da Fracha contra o projeto da autovia A-57.

O PP VOLVE TEIMAR NO USO DO CIANURO NAS MINAS GALEGAS

O Partido Popular botou por terra umha iniciativa de AGE, apoiada por PSdeG e BNG, para impedir o uso do cianuro na mineraçom galega. A iniciativa visava também garantir que as empresas paguem indemnizaçom em caso de acidente. O popular Pedro Arias qualificou a proposta de "irresponsável" e dixo que suporia umha "lei mordaça".

A TVG SILENCIA OS CASOS DE CORRUPÇOM QUE AFETAM O PP

Jornalistas da TVG denunciam que o meio público obvia as informaçons sobre os últimos escândalos de corrupçom do PPdeG e que a manipulaçom, embora seja habitual, está a intensificar-se ante o novo ciclo eleitoral. As protestas do Ofimático da Corunha ou a comparecência do bombeiro Roberto Rivas nom forom notícia na televisom galega.

"Só um tribunal de exceçom como a Audiência Nacional aceita como prova a declaraçom dum 'arrependido' pactuada com a Fiscalia"

BENET SALELLAS É ADVOGADO DO PRESO INDEPENDENTISTA CARLOS CALVO VARELA

ANIOL RESCLOSA

BETI VÁZQUEZ / **Dezassete cacheios com nu integral em menos de dous anos. É a vulneraçom de direitos fundamentais por parte dos carcereiros da prisom de Topas que denunciou o preso político galego Carlos Calvo. A Audiência Nacional espanhola acaba de darlhe a razom num auto que assinala como "arbitrário" o proceder do penal espanhol, ao carecer de motivaçom suficiente: "dizer que o controlo sobre o corpo do interno com nu íntegro se justifica na suspeita de possuir substâncias ou objetos proibidos em matéria de direitos fundamentais é equivalente a nom dizer nada".**

As conseqüências desta resoluçom judicial som analisadas nesta entrevista pelo advogado Benet Salellas, encarregado da defesa de Calvo Varela. Além disto, o letrado deita luz sobre a situaçom processual em que se encontra o jovem, vizinho de Loureda [em Ordes] após o julgamento e posterior sentença que o condenou a 12 anos de cárcere. A sentença encontra-se recorrida perante o Tribunal Supremo e Salellas i Vilar mostra-se convencido de que a absoluçom, tarde ou cedo, há chegar : "se nom é aqui será em Estrasburgo".

A Audiência Nacional declarou "arbitrários e injustificados" os cacheios com nu integral aos que foi submetido Carlos Calvo. Quais som as consequências deste auto?
A nível prático nom podemos ir atrás e portanto nom podemos desfazer os cacheios. A nível jurídico som umha advertência para o centro penitenciário: estes cacheios nom se podem repetir. E a nível simbólico tenhem umha grande relevância porque rompem a impunidade que envolve habitualmente os abusos dos servidores públicos dentro dos centros penitenciários. Para as pessoas presas, sempre em situaçom de inferioridade em frente ao poder, é umha pequena brecha na que se lembra que fora existe quem está a vigiar o que passa dentro.

> "Rompeu-se a impunidade aos abusos nos centros penitenciários"

Que argumentos constam nas ordens de cacheio?
Nas ordens consta um argumento estereotipado e idêntico em todas elas: risco de introduçom de substâncias ou objetos proibidos. Nom se concretiza nem as substâncias nem os objetos nem também nom o por que de advertir esse risco –o que é que aconteceu, que circunstância provoca a suspeita?– em alguém que por estar em isolamento é submetido a registos de cela diários. Este é um argumento que nom pode justificar cacheios integrais (nus). Conscientes disso, quando Carlos apresenta a queixa, o promotor antes de opinar pede um relatório ao centro penitenciário e, à vista do razoamento insuficiente deste, pede um segundo relatório em que o centro, a posteriori, justifica os cacheios integrais na assinatura ao Gara e à relaçom com outros internos por delitos de terrorismo.

Você afirma, e a Audiência Nacional deu-lhe a razom, que ditas ordens nom estavam o suficientemente motivadas. Quais som entom as causas que poderiam justificar esses cacheios?
A introduçom de drogas, armas ou objetos perigosos para o funcionamento do centro. Mas a suspeita dessa introduçom deve vir justificada por circunstâncias concretas fácticas da visita que de forma razoável permitam gerar umha dúvida ao respeito. Isto é, por exemplo, à mulher com a qual comunicou o interno se lhe encontra haxixe ao sair da visita. Isto pode fundar um cacheio integral do interno para comprovar se se escondeu haxixe. Mas se a visita produz-se com normalidade e nom aparece nenhum feito que 'acenda os alarmes', entom o cacheio integral nom estará nunca justificado.

Ser assinante do diário *Gara*, estar "relacionado com o terrorismo galego" em umha sentença definitiva mas nom firme ou ter mantido "trato" com presas ou presos de ETA. Som estas as motivaçoms do Tribunal Central de Vigilância Penitenciária para desestimar a denúncia interposta por Calvo?
Som, sim. E, ao meu ver, este tipo de raciocínios da juíza de vigilância produzem umha dupla indignaçom. Por um lado, é evidente que em um estado democrático um nom é suspeito por ler um jornal. E que em um centro penitenciário é normal que os internos se relacionem entre eles. Portanto as razões alegadas nom superam as exigências de sentido comum que esperamos dos juízes.

> "Justificavam-se os cacheios na assinatura ao 'Gara' e na relaçom com outros internos"

Mas, além disso, o que me incomoda é que a funçom do juiz de vigilância é amparar os internos e garantir os seus direitos. Nom falamos de bestas ou animais, falamos de pessoas privadas de liberdade. E neste caso falamos de algo tam íntimo e pessoal como é que te obriguem a despir em frente a outras pessoas. Parece-me que com um só cacheio integral teria suficiente como para que a juíza de vigilância e o fiscal se interrogassem sobre se está a passar algo estranho nesse cárcere. Mas nom! Passam-lhes 17 nus integrais da mesma pessoa com o mesmo formulário e eles seguem a olhar para o outro lado.

Um dos três juízes que integram a Seçom Primeira da Sala do Penal da AN é Ramón Sáez Valcárcel, quem tinha negado já a existência de umha "organizaçom terrorista" na Galiza. Fixo-o o 28 de maio, junto à sentença que condena a 12 anos de prisom a Carlos Calvo. Que importância merece este voto discrepante?
Como dizes, os tribunais penais nestes delitos estám formados por

SERGAS MANTÉM FECHADAS CAMAS SUPRIMIDAS NO VERAO

No início do verao o Serviço Galego de Saúde (Sergas) inutilizou várias camas hospitalares alegando "menor incidência de ingressos" nesse período e que o pessoal sanitário estava de férias. No entanto, trabalhadores sanitários denunciam que estas vagas seguem ser estar disponíveis, ante o que o Sergas alega que nom há "demanda".

DETIDO O EX-PRESO SUSO CELA POR 'ENALTECIMENTO'

O comunista galego Suso Cela, que passou 23 anos no cárcere pola sua militância nos GRAPO, foi detido pola Guardia Civil no passado dia 26 de novembro na Corunha, donde foi deslocado para Madrid. Segundo informou um familiar através das redes sociais, a detençom estaria motivada por um suposto delito "enaltecimento do terrorismo".

"Sem lei antiterrorista nom concebo um filósofo como Carlos Calvo em prisom"

"O Tribunal Supremo deve revisar os factos com máxima cautela"

três magistrados. Se dos três, um deles nom está convencido da culpabilidade do arguido, como acontece na sentença que condena Carlos, significa que há algo da condenaçom que nom está tam claro e que nom pode ser tam definitivo.

Som os três juízes que viram as mesmas provas e aplicam as mesmas leis e no entanto um deles nom está convencido de que o acusado seja culpável. Isto para a defesa é extremamente importante porquê situa os nossos argumentos nom no clássico e esperado 'alegato da defesa' senom nos mesmos estrados que nos condenam. Esses mesmos estrados, na mesma sentença, também nos absolvem.

Acho que para o Tribunal Supremo é muito importante também. No Supremo nom se revisam as provas. Assume-se sempre o relato de factos da Audiência e discute-se unicamente o direito –penas, tipos de delito–. Porém, quando, como no nosso caso, a Audiência apresenta um voto particular à sentença, o Supremo deve revisar os factos com máxima cautela por quê nom existiu unanimidade na sala que julgou.

Que valoraçom fai Benet Salellas tanto do julgamento do 6 de maio como dessa posterior sentença? Que provas havia contra Calvo e como influiu na sua condenaçom a declaraçom da outra pessoa imputada, Xurxo Rodriguez Olveira?
A valoraçom é muito negativa. No julgamento, Carlos deu umha explicaçom do por quê se encontrava no local no que foi parado e em companhia de Xurxo, explicaçom que estivo confirmada polas testemunhas. Além disso gerou-se umha importante confusom quanto a qual era realmente a mochila que levava Carlos nesse dia e se era ou nom era a mochila intervida pola polícia.

Todo lhe foi ao seu favor. Todo exceto umha única prova: a declaraçom de Xurxo Rodríguez. Xurxo tinha dado umha versom à policia quando estava detenido, outra adiante do juiz –Pablo– Ruz, outra em umha carta que escreveu ao Tribunal e umha quarta no dia do julgamento. No entanto, esta quarta versom era a que tinham patuado com a fiscalia: envolver Carlos em todo. Em troca, a fiscalia mantivo a acusaçom no máximo contra Carlos e reduziu a seis anos a petiçom contra o Xurxo.

Acho que nom é necessário ser advogado para valorizar o acontecido. É grave moralmente, muito grave. Mas o realmente decepcionante é que umha parte do Tribunal e a própria fiscalia aceitem este tipo de situaçoms, recusando a verdade, aceitando declaraçons totalmente interessadas, vontades compradas, e todo isso com a consequência de umha grave condenaçom para um cidadám.

A sentença da qual falamos já, que impom para Carlos Calvo 12 anos de prisom, encontra-se recorrida ante o Tribunal Supremo. Lembre-nos, faga o favor, o que é que motivou o recurso interposto por voçês. Para quando esperam umha resoluçom em firme? Confiam numha absoluçom?
Nós no recurso ao Supremo discutimos a sentença de condenaçom de pés a cabeça com debates muito diferentes. Essencialmente, defendemos a inocência de Carlos e que ter em conta como prova a declaraçom de um 'arrependido' como Xurxo, que patua a declaraçom com a fiscalia, é algo totalmente impróprio em um processo penal de justiça democrática e contemporânea. Isto parece o medievo: pressionam a gente, obtenhem confissons e depois isso erige-se em única prova. Intolerável. Também discutimos que se poda falar propriamente de terrorismo, de organizaçom terrorista e de pertença no caso de Carlos, embora somos conscientes dos limites do debate à vista da sentença do Supremo para Antom Santos e os outros [refere-se à sentença firme que condenou, para além de Santos Peres, Maria Osório Lopes, Eduardo Vigo Domingues e Roberto Rodrigues Fialhega, 'Teto']. Deveríamos ter a vista antes que acabe este ano e a sentença a princípios do 2015. Confiamos em umha absoluçom, sim. Se nom é aqui será em Estrasburgo.

Contudo, os cambapés nom dam acougo. Em março de 2013 Calvo foi imputado in extremis em um caso do ano 2011 referente a umha açom em umha caixa de Novagalicia Banco em Vigo, que tinha sido arquivado por falta de provas. Nos dias prévios o preso galego tinha posto ao dispor da AN até 50 documentos que demonstravam o seu profundo arraigo social em Galiza como ponto de partida para reclamar a liberdade condicional. Pese às irregularidades, a imputaçom consolidou-se. O mesmo tribunal, o mesmo juiz, o mesmo fiscal... É frequente que um caso fechado se reabra ou reapareceu aquele sumário para manter Calvo Varela em prisom?
Nom tenho nenhumha dúvida que Carlos será absolvido dos factos relativos à sabotagem dum multibanco de Novagalicia em Vigo em 2011. Temos testemunhas que estavam com ele essa noite, temos correios electrónicos que ele escrevia desde umha IP em Santiago à hora que alguém deixou a mochila no multibanco e temos um primeiro relatório da polícia que diz que a única pista é um pedaço de umha carta de conduçom que nom podem determinar a quem pertence.

Mas, misteriosamente, ao longo de 2012 a investigaçom dá um giro copernicano e um novo relatório atribui essa carta de conduçom a Carlos Calvo –Carlos tinha-a perdido semanas antes dos factos e tinha interposto denúncia– Entom intervenhem-lhe o telefone e seguem-nos e pesquisam durante meses sem obterem nem umha soa prova nem indício de pertença a Resistência Galega. Ali estám as gravaçons dos telefonemas e os seguimentos e nada, absolutamente nada, permite obter provas contra Carlos. Mas o feito com que fosse parado por outro tema somou e provocou o processamento.

E sim, como dizes, que em um mesmo tribunal tenha duas causas contra a mesma pessoa atua de forma perversa por quê cada umha supõe um argumento para a outra, retroalimentam-se. No entanto, no nosso caso, retroalimentam-se sobre a nada.

Como afetou a aplicaçom da legislaçom antiterrorista (LAT) a Carlos Calvo? Qual seria a sua situaçom hoje se os factos pelos que foi condenado ficassem à margem de dita legislaçom e de montagens do tipo 'Resistência Galega'?
A legislaçom antiterrorista é um tsunami antidemocrático que atropela todas as garantias que encontra ao seu passo. Sem LAT nom estaríamos na Audiência Nacional e, portanto, nom teríamos os juízes e fiscais excecionais que tivemos. A prova da declaraçom 'arrependida' e premiada de Xurxo Rodríguez nom a ia ter aceitado nenhum tribunal que nom fosse a Audiência Nacional. Na minha vida profissional vivi situaçons parecidas em outros casos em Audiências catalás e nunca se aceitou como prova este tipo de declaraçoms. E a LAT condiciona, e condiciona muito, a forma de entender os delitos e a autoria. O delito de terrorismo, de acordo com esse tsunami, leva por diante todo o que encontra e alarga as contornas da imputaçom de umha forma absolutamente inassumível por um estado de direito. Todos culpados, sem distinçom, e com penas muito graves. Sem LAT, nom concebo um filósofo como Carlos Calvo em prisom.

CRÓNICA GRÁFICA

Mais dum cento de pessoas pedírom a absoluçom das e dos ativistas em defesa da língua condenados a prisom por mobilizar-se contra o coletivo Galicia Bilingüe / GALIZA CONTRAINFO

Umha homenagem urg
Begoña Caamaño, escr

O trabalho prévio às Marchas da Dignidade estivo presente nas ruas de muitas comarcas. Na imagem, reparto de brochuras em Vigo / GALIZA CONTRAINFO

Umha homenagem urgente e popular despediu em Boisaca a recém falecida Begoña Caamaño, escritora, jornalista e militante feminista / ADRIANA P. VILLANUEVA

O segundo encontro sobre os impactos da megaminaria, celebrado em Lugo, reuniu dúzias de ativistas na defesa do território / CONTRAMINACCIÓN

Corunha intensificou as mobilizaçons nos dias prévios ao despejo de vizinhança do bárrio de Elvinha por parte do Concelho atendendo a interesses urbanísticos / STOP DESPEJOS

Dúzias de pessoas mostrárom em Vigo a sua solidariedade com a luita curda na defesa de Kobane / GALIZA CONTRAINFO

AGRO

SETOR DA APICULTURA QUALIFICA DE FRACASSO O PROTOCOLO DA JUNTA

‘Vespa velutina’: a globalizaçom que também deporta insetos

A.L. / No passado verám causou especial alarme a proliferaçom da *vespa velutina* polo território galego. Conhecida também como vespa asiática, trata-se de umha espécie depredadora das abelhas, de cuja carne extrai as proteínas necessárias para alimentar as suas crias. Desde a Junta da Galiza ativou-se um protocolo de atuaçom para vigiar e controlar a populaçom desta vespa. Tal campanha retirou mais de 376 colmeias da *velutina*, mas o sector da apicultura considera-a insuficiente e denunciou a falta de meios e as práticas pouco adequadas realizadas pola empresa Tragsa, como a retirada das colmeias durante o dia.

A chegada da *vespa velutina nigrithorax* constitui um novo problema para a produçom apícola galega, um setor que continua a padecer do despovoamento de colmeias devido ao emprego de pesticidas nos campos e que tem que afrontar os custos dos tratamentos contra a varroa, um ácaro que infesta as abelhas. Segundo o Fouce nº303, jornal editado polo Sindicato Labrego Galego (SLG), a vespa asiática teria-se introduzido na Europa através de França, onde teriam assentado os primeiros exemplares ao chegar de modo acidental na importaçom de produtos chineses. Desde ali, a *velutina* estendeu-se pola cornija cantábrica chegando à Galiza e ao norte de Portugal em 2012.

Esta espécie tem o seu habitat em zonas costeiras, sendo a Marinha luguesa o território da Galiza no qual a sua presença é mais notória. A *velutina nigrithorax* carateriza-se por medir entre 2,5 e 3 centímetros. É reconhecível por ser preta, exceto nas patas, no quarto segmento do abdome e na fronte, sendo todos estes elementos de umha cor amarela alaranjada.

“Nom é umha guerra”

Miguel Méndez, responsável do sector de horta, fruta e flor do SLG, nom duvida de que a chegada da *velutina* “é produto do momento que estamos a viver e da globalizaçom, pois cada vez mais flora e fauna se vê deslocada do seu habitat natural”. Méndez adianta também que nom se pode considerar a presença da vespa asiática “como umha guerra” e salienta que “haverá que procurar fórmulas para que as abelhas se defendam”.

Da mesma opiniom é Xesús Asorei, porta-voz da Associaçom

Galega de Apicultura (AGA), quem salienta a impossibilidade de eliminar a presença da *velutina*. “As abelhas irám apreendendo a se defender e os apicultores teremos que desenvolver campanhas de informaçom”. Assim, Asorei anuncia que desde a AGA se tratará de convocar as alcaldias dos concelhos mais afetados para coordenar a reclamaçom de soluçons. “Desde a Junta polo de agora nom recebemos resposta”, expom Asorei.

A época de maior atividade da *Vespa velutina* decorre polos meses de primavera e verám, quando tem que conseguir proteínas para a alimentaçom das suas crias e as consegue em boa medida através da carne das abelhas. Durante o inverno, a *velutina* hiberna, normalmente debaixo de terra e, na primavera, saem as rainhas para fazer os ninhos e pôr os ovos. Tendo em conta este ciclo vital, Asorei expom que “é preciso atuar preventivamente nas rainhas, agora e na saída do inverno”, um trabalho que prevê que terám que realizar as pessoas produtoras sem ajuda das administraçons.

Críticas ao protocolo da Junta

A Junta da Galiza tem ativado nos últimos meses um protocolo para a vigilância e o controlo da *Vespa velutina*, mas do sector apícola erguêrom-se críticas sobre a eficácia do mesmo. Os dados oferecidos pola própria Conselharia de Meio Rural e Mar no mês de novembro indicam que dos 614 ninhos de *velutina* detetados durante esta campanha retirárom-se 376, uns 53 fôrom neutralizados com inseticida e “num total de 186 foi impossível atuar pola sua inacessibilidade”.

Asorei, da AGA, afirma que o resultado deste protocolo foi “mui pobre”, pois calcula que poderia haver umhas duas mil colmeias e denúncia a escassez de meios com que contava a empresa Tragsa para a retirada das mesmas. Também se denuncia que a retirada das colmeias se produziu em horário diurno, quando o ideal teria sido fazê-lo de noite, momento em que há umha maior concentraçom de vespas no ninho. “Nom se pode destruir um ninho no verám ao meio-dia porque às 5 da tarde já volta a estar feito”, acrescenta Méndez, do SLG.

O apicultor Xesús Asorei quantifica o impacto da *velutina* e indica que “neste ano atacárom umhas mil colmeias de abelhas e houvo umha queda de 20% na colheita de mel”. Assim, lembra que a *velutina* nom é apenas um perigo para as abelhas, mas também para as frutas e para as pessoas que trabalham no setor florestal e que acidentalmente poderiam encontrar-se com um ninho de vespas.

Armadilhas para vespas

O sector da apicultura desenvolveu as primeiras técnicas para proteger a produçom das abelhas entre as que se contam a reduçom do orifício de entrada nas colmeias, as armadilhas para vespas ou a destruiçom de ninhos de *velutina*. Porém, Miguel Méndez adverte de que “ainda há muito que investigar sobre as armadilhas e o ideal é reduzir ao máximo possível o seu impacto noutros insectos”, ao caírem também nestas armadilhas espécies como a Vespa crabro, que causa um menor impacto nas abelhas. Por outra parte, Méndez também ergue a voz de alarme ante atitudes que podem ser contraproducentes a um nível ecológico, como poderia ser a aplicaçom de inseticidas.

MAR

“Acabam com o nosso modo de vida”

CENTENAS DE MARINHEIROS CONCENTRAM-SE EM CORCUBIOM PARA DEFENDER A PESCA DE BAIXURA

A.L. / Som como as pingas da tortura chinesa, que vam caindo e caindo até que primeiro atordoam, depois toleiam e finalmente acabam com um. Nos últimos anos fôrom muitas destas pingas as que batêrom no sector de baixura galego (perto de 4.000 embarcaçons). Novas taxas, limitaçons ao cerco, parom e ameaça de proibiçom do jeito, quota da raia... e isso só ultimamente. Decisons políticas (de quando fainar, com que limites, proibiçons) que alteram um sector, o da pesca artesanal, que na Galiza costeira é fulcral.

Em Corcubiom estám a decorrer, nestes fins de semana, juntanças de marinheiros de diferentes portos galegos. Na última tomárom parte mais de 300 pessoas, procedentes das Rias Baixas, Médias e Altas. Protestavam por umha situaçom “limite” derivada das decisons e/ou desleixo da administraçom, e exigiam medidas como a que faria com que os arrasteiros nom pudessem fainar a menos de 12 milhas da costa.

“Se a administraçom nom fai algo o que nos espera som quatro lanchas desportivas no porto e a pesca será industrial, chegada de qualquer sítio, mas o nosso ecossistema e o nosso modo de vida aprendido dos nossos pais e avós acabou-se”. O patrom maior de Corcubiom, José Domínguez, é um dos porta-vozes do coletivo.

Galiza perdeu 15% da sua frota pesqueira nos últimos anos. A frota artesanal, com 718 embarcaçons menos, é a mais afetada. Segundo os cálculos extraídos dos próprios dados da Conselharia do Mar, a faturaçom em primeira venda veio-se abaixo na Galiza em 2013. Quase 47 milhons de euros menos que no exercício anterior. Dessa cifra, uns 27 milhons de ‘perdas’ procedem das quedas em pesca extrativa, com bom peso da frota artesanal. Segundo os próprios dados oficiais da Junta da Galiza, o mar é a principal empresa da Galiza. Gerava em 2011 um total de 17.499 empregos directos, dos quais 12.522 na pesca extrativa, marinheiros e mariscadoras.

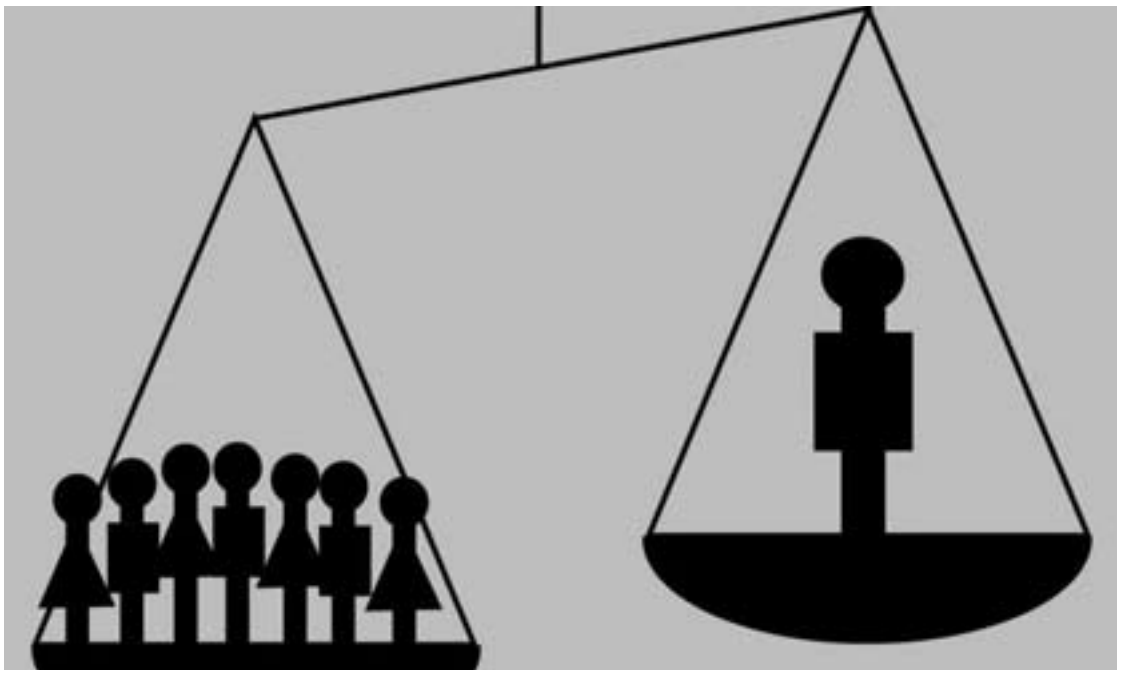
ECONOMIA

A inclusom de atividades como a prostituiçom ou o tráfico ilegal de drogas lembra que o PIB nom representa a qualidade de vida das pessoas

O que nom che contam no PIB

VÁRIOS ÍNDICES ALTERNATIVOS SURGÍROM PARA MOSTRAR AS REALIDADES OCULTAS NO PRODUTO INTERIOR BRUTO

RAUL RIOS / **Alguns meios de comunicaçom informavam em setembro de que Itália saía formalmente da recessom económica graças a negócios como a prostituiçom ou o contrabando de drogas ilegais. O que aconteceu? Estas atividades passárom a formar parte do cálculo do Produto Interior Bruto (PIB), o indicador por excelência usado para testar "a marcha da economia". No Estado espanhol, que aplicou as mesmas mudanças de cálculo por mandato de Bruxelas, o aumento foi de 0,85% para 2010 ,0,50% se atendermos exclusivamente à prostituiçom e ao narcotráfico. Houvo outras modificaçons, como a inclusom do gasto armamentístico como investimento. Além do debate que podam suscitar este tipo de atividades, o certo é que a sua inclusom no cômputo do PIB fai surgir um debate que questiona a própria capacidade deste indicador para representar a realidade social e económica dum Estado. Criticando as suas carências ou mesmo a sua base ideológica, som muitos os indicadores e índices alternativos que fôrom elaborados para dar visibilidade àquelas realidades ocultas no PIB. Os descritos nestas páginas som apenas alguns dos mais populares, mas nom os únicos.**



O resultado de aplicar as novas mudanças metodológicas para o PIB é que em 2010 o Estado espanhol era 35 milhons de euros mais rico do que pensava. Deste montante, estima-se que mais de nove milhons se devem aos ingressos gerados por prostituiçom e drogas. Com certeza, a pergunta que qualquer pessoa se pode fazer resulta chocante: "Quer isto dizer que graças a estas atividades ilícitas os residentes do estado somos mais ricos?".

A raiz do problema está em que o PIB costuma tratar-se como indicador de bem-estar ou de bonança da economia. Quando aumenta, os dirigentes políticos celebram; quando desce, mostram preocupaçom. Mas a realidade é que o PIB simplesmente reflete a quantidade total de bens e serviços produzidos num lugar e num espaço de tempo determinado, sempre que estes bens e serviços passem polo mercado. Mete no mesmo saco salários e rendas do capital, mezinhas e armas, o público e o privado.

Com efeito, algumhas das críticas mais interessantes contra o PIB procedem da economia feminista e da ecologista. A primeira assinala como o PIB, ao contar unicamente as atividades mercantilizadas, torna invisível todo aquele trabalho nom remunerado realizado principalmente por mulheres: as economias de cuidados e de reproduçom da vida. Segundo o IGE, de existir umha equivalência monetária, a atividade produtiva doméstica nom incluída no PIB suporia 28.000 milhons de euros na Galiza, ou o que é o mesmo, a metade do PIB galego (NOVAS DA GALIZA 136).

Por sua parte, a economia ecologista assinala como as agressons ambientais nom som recolhidas nesse indicador. De forma paradoxal, sim que se recolhem de forma positiva as atividades de gestom de resíduos na medida em que gerem despesas monetárias.

Medir a desigualdade: O índice de Gini

Ao analisar a economia dum país, um dos primeiros dados aos que se atende é o do PIB per capita, isto é, o PIB por pessoa. Nom é mais que o coeficiente entre o PIB total e o número de habitantes de cada país, "De reparti-lo, a quanto PIB tocaríamos cada um?". Às vezes, de forma inconsciente, pode dar a sensaçom de que o PIB per capita indica a riqueza de cada cidadao; mas este indicador nom reflete de nengumha maneira como estám repartidos os ingressos dum país. Que o PIB per capita galego ronde os 20.000 euros nom quer dizer que cada galego disponha dessa quantidade num ano.

> O índice de Gini mede a desigualdade no reparto da renda dum país

Com efeito, umha das principais críticas que desde a economia crítica se fam ao PIB é que, por si próprio, nom achega nengum dado sobre a desigualdade existente numha sociedade. Dous países com níveis similares de PIB per capita, como podem ser Estados Unidos e Canadá (algo mais de 50.000 dólares); tenhem umha diferença de mais de sete pontos entre os seus índices de desigualdade de Gini: Enquanto Canadá está no posto 46 da tabela (índice de 33,7), cumpre descer até o posto 87 para atopar os EUA (índice de 41,1).

O índice ou coeficiente de Gini é o indicador mais popular para medir a desigualdade social. Paradoxalmente, esta medida foi elaborada polo estatístico italiano Corrado Gini. Nomeado por Mussolini como primeiro presidente do Instituto Estatístico Italiano e autor das 'Bases científicas do fascismo', Gini concebeu o índice que leva o seu nome visando medir a desigualdade em qualquer distribuiçom. De facto, o índice é aplicado em várias ciências que nada tenhem a ver com a economia.

Assim, o índice de Gini mede o grau de igualdade ou desigualdade na distribuiçom de ingressos numha determinada sociedade. O índice seria igual a zero num país no qual todos os seus habitantes tivessem exatamente a mesma quantidade de ingressos. No extremo contrário, umha sociedade na qual um só indivíduo concentrasse todos os ingressos e o resto dos membros nom tivessem absolutamente nada, o índice seria igual a um. O índice costuma expressar-se em base 100 para facilitar a sua compreensom.

Assim, atendendo ao índice de Gini registrado na última década polo Banco Mundial e o Eurostat, o país do mundo com maior equidade na distribuiçom de ingressos é a Noruega (22,7 em 2013), enquanto o país com maiores desigualdades seria as Seychelles (65,8 em 2007). Na Europa, o estado com maiores desigualdades é a Bulgária enquanto a média da UE-28 estava em 30,5. Os dados registrados na última década nom chegavam aos 150 países em todo o mundo, ficando de fora alguns como Cuba.

> O PIB per cápita pode dar a falsa apariência de representar o reparto da renda dum país

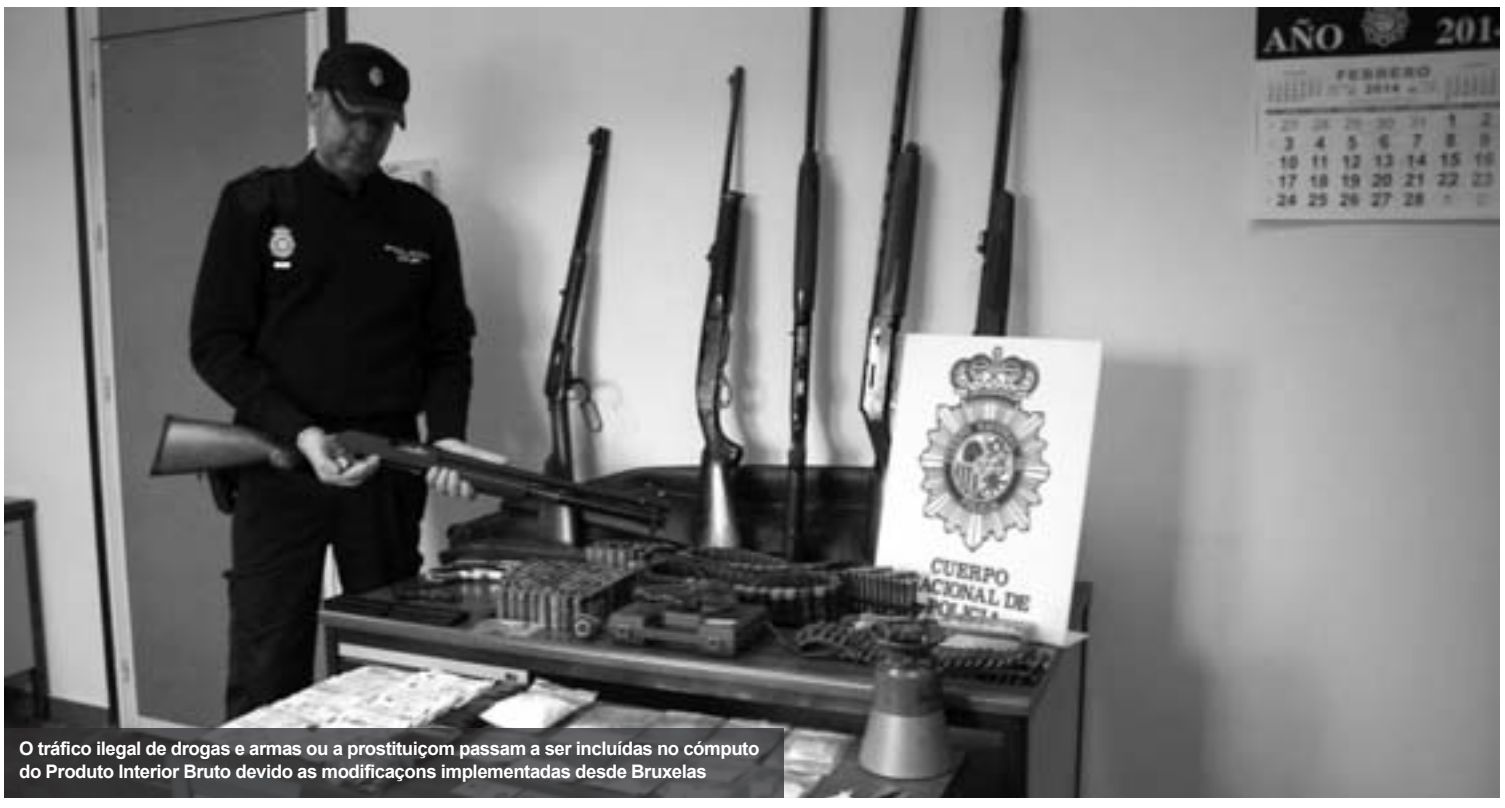
Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)

Imaginemos um país onde todos os indivíduos recebam exatamente os mesmos ingressos (índice de Gini igual a zero). Mas imaginemos também que a quantia desses ingressos é baixíssima, que nom há um sistema de saúde pública de qualidade e que apenas existem centros de ensino. Chegaremos à conclusom de que a igualdade de ingressos nom implica necessariamente um maior bem-estar das pessoas.

O Índice de Desenvolvimento Humano é elaborado polas Naçons Unidas e visa, precisamente, condensar num único indicador umha série de dimensons do desenvolvimento humano: esperança de vida e saúde, conhecimento e ensino e qualidade de vida. As próprias Naçons Unidas julgam que o desenvolvimento dum país nom se pode medir "apenas" polo crescimento económico, senom que "as pessoas e as suas capacidades" devem ser o critério definitivo. Assim é que convidam a refletir sobre por quê dous países com um PIB per capita similar, podem ter IDH tam díspares.

O IDH é elaborado a partir de médias geométricas e um dos fatores para a medida é a Renda Nacional Bruta per capita, o que quer dizer que nom contempla as desigualdades sociais.

É dessa limitaçom que surge o Índice de Desenvolvimento Humano ajustado por Desigualdade (IDH-D). É um indicador híbrido que pretende suprir as carências que o Índice de Gini e o IDH tenhem por separado. Dous países com o mesmo IDH podem ter níveis diferentes de IDH-D, se este desenvolvimento estiver mal repartido, o que também convida a



O tráfico ilegal de drogas e armas ou a prostituiçom passam a ser incluídas no cómputo do Produto Interior Bruto devido as modificaçons implementadas desde Bruxelas

> O Índice de Desenvolvimento Humano nom tem em conta a desigualdade

umha reflexom interessante. A diferença entre o IDH-D e o IDH é o chamado custo de desenvolvimento humano por desigualdade. Os EUA, por exemplo, passam do posto 5 do ranking de IDH para o posto 28 ao aplicar a correçom por desigualdade, sofrendo umha perda de 17% no seu índice.

Índice de Desigualdade de Género

Apesar das suas limitaçons, é necessário citar o Índice de Desigualdade de Género. Elaborado também polas Naçons Unidas, centra a sua atençom num apartado ocultado nos indicadores nomeados até agora.

Este índice contabiliza vários fatores repartidos em três grandes âmbitos. O primeiro é a saúde reprodutiva, medida através dos índices de mortalidade no parto e a relaçom de gravidezes de adolescentes. O segundo é o chamado "empoderamento", medido através da proporçom de mulheres na câmara legislativa de cada estado e da proporçom de mulheres adultas com educaçom secundária. Por último, o indicador contempla também o status económico, determinado a partir dos índices de participaçom das mulheres no mercado de trabalho.

As mesmas Naçons Unidas reconhecem as evidentes limitaçons deste índice. Em primeiro lugar, só recolhe a participaçom política através do Parlamento, excluindo outras instituiçons e mesmo outras formas de participaçom social. A dimensom do mercado laboral nom conta com suficiente informaçom sobre os ingressos recebidos polas mulheres ou sobre o trabalho nom remunerado (cuidados, tarefas domésticas, etc.). Neste tipo de indicador, resulta especialmente salientável a ausência de dados sobre violência machista.

Pegada ecológica

Umha das críticas mais fundamentadas em relaçom ao PIB é aquela que destaca como este indicador nom toma conta da forma em que a atividade produtiva afeta a biosfera. A crença no axioma de que se pode crescer independentemente dos limites físicos do planeta (materiais e energéticos), em virtude da inovaçom e da tecnologia, vai desde o neoliberalismo até ao marxismo e ainda é assumida pola maior parte da sociedade.

> A pegada ecológica dá conta de como os países ocidentais consomem mais recursos naturais dos que som capazes de produzir por si próprios

O ecologismo e, particularmente, o decrescentismo, tem na chamada pegada ecológica umha das suas melhores armas argumentais. Baseando-se nos postulados da economia ecológica, que estuda as relaçons económicas em termos de matéria e energia em vez de termos exclusivamente monetários; este índice trata de estimar a quantidade de recursos naturais que necessita a populaçom dumha regiom determinada para manter o seu modelo de vida num dado momento. Desta forma, a pegada ecológica mede-se em hectares globais (hag), quer dizer, a superfície necessária para extrair e processar todos os produtos consumidos e absorver os resíduos gerados nas diferentes fases.

O deficit ecológico é a diferença entre a pegada ecológica e a biocapacidade dum território (a superfície biologicamente produtiva do mesmo). E pode ser que haja um território onde o deficit ecológico seja positivo, isto é, onde a pegada ecológica exceda a biocapacidade? Nom só pode ser, senom que efetivamente é. Foi entre 1975 e 1980 que a humanidade ultrapassou esta barreira e começou a consumir por acima das possibilidades do planeta. Este consumo nom sustentável, que continuou a crescer até hoje, só é possível em detrimento da capacidade de consumo das geraçons futuras.

Mas os humanos do futuro nom som os únicos prejudicados polo ritmo de consumo dos chamados países desenvolvidos. Da mesma maneira que outros indicadores, a pegada ecológica também nom deixa dúvida sobre as fortes desigualdades existentes entre o norte e o sul do sistema-mundo.

Enquanto Europa tem umha pegada ecológica de 4,7 hag. por pessoa (deficit de 1,8 hag./pessoa) e os EUA de 8 hag./pessoa (deficit de 4,1 hag./pessoa); o continente africano apenas consome os recursos de 1,4 hag. por pessoa (mantendo um superavit de 0,1). América Latina, com umha pegada de 2,6 hag./pessoa, conserva um superavit ecológico de 2,9 hag./pessoa: nom consomem nem a metade do que as suas terras poderiam proporcionar-lhes.

No entanto, isto nom quer dizer que os recursos naturais dos países do sul nom sejam sobre-explorados. A pegada ecológica calcula-se restando as exportaçons do país (já que nom vam ser consumidas pola sua populaçom) e somando-lhe as importaçons. Assim, o facto de a populaçom de Malawi ter umha pegada de apenas 0,7 hag./pessoa nom significa que os recursos desse país nom sejam exportados e consumidos num país ocidental que já esgotasse as suas próprias capacidades de consumo.

Índice de Paz Mundial

Com as mudanças introduzidas para o cálculo do PIB na Uniom Europeia, estados como o espanhol verám aumentar a sua "riqueza nacional" de forma proporcional à sua capacidade armamentística. No entanto, essa mesma capacidade destrutiva, é avaliada negativamente no Índice de Paz Mundial (IPM).

Este indicador, que mede o nível de paz num país ou regiom, é elaborado desde 2007 polo Institute for Economics and Peace e o Centre for Peace and Conflict Studies de Sidney. Inclui variáveis como os índices de criminalidade, número de presos, número de pessoal militar, número de agentes de polícia, despesas militares como percentagem do PIB, guerras internas e externas ou importaçons e exportaçons de armas. De igual forma que outros indicadores, foi duramente criticado por nom incluir variáveis concretas sobre violência machista ou violência sobre as crianças.

Os países mais violentos terám um IPM maior, enquanto um país no que haja paz absoluta terá um IPM igual a zero. O Estado espanhol ocupa o posto 26 no ranking de paz global, com um índice de 1,55. O estado mais pacífico seria Islândia (1,19) e no que houvo mais violência registrada Síria (3,65); tendo em conta que os dados som de 2014 e experimentou forte subida por causa da guerra. Porém, este indicador nom aporta informaçom algumha sobre as causas da violência num país, que cumpririam ser analisadas em cada caso concreto para evitar preconceitos.

A TERRA TREME

Cem mil pessoas votárom no "nom" apesar de que as forças partidárias dessa opçom chamavam ao boicote

9 de novembro de 2014: passou a consulta, continua a desobediência

A INTERROGANTE DUMHAS FUTURAS ELEIÇONS É QUEM LEVARÁ A DECLARAÇOM DE INDEPENDÊNCIA NO PROGRAMA

XAVI MIQUEL / Som as 19.55 do domingo 9 de novembro, no instituto de umha vila qualquer de Catalunha. Duas senhoras adultas cruzam-se sorrintes com umha parelha de moços que às presas entram antes de rematar a jornada eleitoral, com certeza, mais histórica em Catalunha. Elas também querem fazer historia e depositam o seu voto nas urnas de cartom, com os olhos atentos de duas voluntárias que se mostram satisfeitas de um dia longo mas que seguramente acham transcendental. Muitas emoçons vividas em 11 horas intensas. As primeiras pessoas que entravam ao colégio, a senhora maior em cadeira de rodas que chegou empurrada pola sua neta, o moço que acaba de cumprir 16 anos e ia com a ilusom de fazer historia, o senhor que vivera represaliado polo franquismo, as duas mulheres que chegárom à vila há muitos anos mas que era a primeira vez que lhes permitiam votar ou o homem que com lágrimas nos olhos introduzia o voto pensando na sua mulher morta e dizendo "Ho faig per tu". Também momentos curiosos como uns senhores maiores que assegurárom que votárom que sim à constituiçom do 78, mas que agora iam votar SI-SI, porque esse tempo já rematou. E também se pudérom ver imagens de gente votando enrolados com a bandeira espanhola. Os únicos incidentes fôrom dous intentos de ataques neo-nazistas em dous colégios eleitorais de Girona, onde tentárom colher as urnas.

Curiosamente num deles, o destino fixo que para a sua má sorte, se encontraram com um equipo de rubi votando que repeliu o ataque. Outros colégios amanhecérom com silicone e um diretor de um instituto que nom quijo abrir o centro, fôrom as únicas notas discordantes da jornada.

Assim as cousas, mais de 2,3 milhons de pessoas fôrom votar num dos atos de desobediência civil mais multitudinários da história recente europeia. Os resultados já conhecidos dérom umha clara vitoria ao Si-Si do 80,76% do escrutínio, enquanto o Si-No conseguiu o 10,7% dos sufrágios e o No o 4,54% dos votantes, o que significou mais de 100.000 pessoas. Este dado de partidários do No é especialmente significativo já que temos em conta que os partidos partidários desta opçom, apoiavam o boicote à participaçom. O mapa é mais do que evidente, já que nas zonas tradicionalmente mais independentistas ou nacionalistas o SISI superou o 90%. Ademais há que ter em conta que esta opçom chegou a percentagens do 7% nalgumha comarca perto de Barcelona e inclusive chegou ao 12% no Val d'Aran. Dos resultados poderíamos tirar algumhas conclusons rápidas, como que os partidários do SISI conseguírom mais votos que os partidos que pediam o SISI nas ultimas eleiçons.

BOMBAI - NGZ

Paus nas rodas

Os observadores internacionais (encabeçados por Ian Duncan, deputado unionista escocês) emitírom um informe onde destacárom o ambiente emotivo e de ilusom e valorizárom de maneira transparente e democrática todo o processo. Embora também expugérom que houvo algums deficits como a mudança dos colégios eleitorais normais nas eleiçons, a falta de um censo ou que as pessoas que estavam nas mesas eleitorais foram voluntárias. E realmente,

> O TC leu e debateu um informe de 500 páginas em apenas umha hora

por muitas garantias que houver ou os intentos de que fora votar a maioria da populaçom, foi mais um ato propagandista dos partidários independentistas que um contexto puramente eleitoral. De feito, finalmente a jornada chamou-se processo participativo e nom consulta ou muito menos referêndum, com a intençom de que o governo espanhol e os tribunais permitiram a votaçom anunciada desde há quase um ano.

A sequência já é conhecida, onde se puido ver o ritmo vertiginoso com que trabalha o Tribunal Constitucional e a pouca separaçom de poderes que há no estado espanhol, já que um informe de 500 páginas onde se pedia a aprovaçom da consulta por parte do governo da Generalitat, foi lido e debatido em menos de umha hora. Mas também há que ter em conta a postura ambígua do governo catalám que até o final (e de maneira muito descafeinada) nom quijo desobedecer claramente os ditados que vinham de Madrid. O deputado das CUP, Quim Arrufat denunciou que nas conversas "segredas" parecia que CiU o tinha todo muito bem calculado, excepto quando começárom as proibiçons do TC, onde parecia que todo seguira a improvisaçom. Ao final, e como todo neste processo, foi a força da gente quem provocou o terremoto da realizaçom da consulta, já que houvo algum momento que nom parecia que se fora celebrar. CiU titubeava, ERC pedia eleiçons antecipadas imediatas, ICV dizia que nom ia ir votar numha "consulta partidista" e inclusive a cúpula da ANC tampouco estava a fazer umha campanha extensa hacia a consulta, como sim fixo a última semana, com centenas de milhares de chamadas para animar à gente ir votar.

O papel do independentismo

Curiosamente, umha das imagens políticas da jornada foi o abraço entre Artur Mas e o deputado das CUP, David Fernández, que deu muito de falar polo simbolismo do ato. Enquanto alguns viam a unidade de todo o setor soberanista, outros viam a traiçom dum "líder" de esquerdas que comungava com a direita mais neoliberal. A pesar das muitas contradiçons a postura das CUP sempre foi bastante clara neste aspeto e como se dixo ao principio da legislatura "mao aberta com a consulta, punho fechado contra os cortes". Assim a suposta unidade unicamente vinha dada por respeitar um mandato claramente popular que reclama a soberania do povo catalám e mais tendo em conta que a CUP representa um dos setores primigénios do independentismo moderno catalám, fai-se difícil estabelecer outra postura que nom fosse esta. Por outro lado, e fora do foco mais mediático, as CUP seguem caraterizando-se dentro e fora do Parlament por denunciar as injustiças sociais do governo que aplicou os maiores cortes anti-sociais da historia recente, destapando casos como a grande trama corrupta dentro da sanidade catalá ou as subvençons encobertas à empresa Panrico, durante a greve das suas trabalhadoras. Também há que ter em conta as discrepáncias que houvo no seno da organizaçom, polo secretismo das reunions, já que num partido horizontal e assemblear nom é fácil justifica-lo. Agora as CUP seguem tendo o importante repto que até agora nom se conseguiu, de umha maneira maioritária, de integrar no seo do independentismo de esquerdas as capas da populaçom mais castigadas pola crise. Assim a crítica deve fazer-se sobre o porquê das irrupçons de partidos como Guanyem Barcelona (liderada por Ada Colau) ou Podemos em Catalunha, quando os programas tenhem muitos pontos em comum. Assim as cousas, as contradiçons nom som poucas para a esquerda independentista, mas é evidente que nom é fácil aplicar um processo constituinte netamente anticapitalista e revolucionário dentro da sociedade europeia do século XXI.

E agora que?

Pois neste quebra-cabeças, semelha que sempre há novos episódios para descobrir o mistério. As peças nom som poucas, e agora há que engadir a denúncia da Fiscalia contra Mas, a vice-presidenta do governo catalám Joana Ortega e a conselheira de Educaçom, Irene Rigau, por um caso de desobediência, prevaricaçom e

CELIA ATSET - ARA

malversaçom de fundos públicos. Também é importante destacar a situaçom de Mas, na corda frouxa desde há bastante tempo e onde certos setores (sobretodo dentro de CiU) apostam por deixar o caminho para "outros líderes". Isto responde basicamente ao temor que chegue um momento de confrontaçom mais dura com o estado e que a elite burguesa catalá nom está disposta a consentir e muito menos liderar.

Agora o cenário mais provável seria um adianto eleitoral, o que nos setores soberanistas se chama eleiçons plebiscitarias ou constituintes. Algumhas vozes falam de que antes do Natal podem ser convocadas, em fevereiro ou março, mais outras declaraçons falam que se os orçamentos som aprovados (entre CiU e o PSC) poderiam aguentar quase um ano mais, até setembro de 2015 e aguardar a possíveis novos passos do governo espanhol. Mais alá das eleiçons o mais importante seria o conteúdo dos programas e a inclusom de umha declaraçom unilateral de independência que aprovaria o parlamento catalá, e ver que partidos a incluiriam. Certas filtraçons de gente próxima ao Conselho Nacional de Transiçom, explicárom que o governo de CiU já leva tempo preparando este possível cenário, e recrutou aos melhores funcionários de cada campo para levar a cabo umha transiçom das estruturas do estado o mais rápido possível. Mais as perguntas seriam que passaria com a duplicidade de administraçons neste espaço de tempo (especialmente com duas agências tributarias paralelas?) Que estados reconheceriam a umha possível Catalunha independente? E sobretodo vai ser capaz o governo catalám (e especialmente CiU) de desobedecer de maneira tam contundente as leis espanholas?

> Agora o cenário mais provável seria um adianto eleitoral

> Há gente unionista em Catalunya que leva as maos à cabeça ao ver que o Governo nom permite um referêndum

De todos os modos os partidos já se estám a mover no cenário eleitoral. As CUP começárom conversas amplas para artelhar umha candidatura ruturista que participara dum processo constituinte. De CiU já se ouviu falar de um "partido do president" que seria umha marca banca de CiU mas com caras "conhecidas" da sociedade civil, mas Unió (o partido de Duran i Lleida) já deixou claro várias vezes que nom está em absoluto de acordo com a soluçom da declaraçom unilateral. Finalmente ERC, que se vê com muita força, já que todos os inquéritos lhe dam a vitória nas vindeiras eleiçons, afirma que nom comparte o desejo de lista única, mas sim aceitaria listas separadas com programas comuns. E evidentemente nom podemos esquecer a irrupçom de Podemos em Catalunha, onde algumhas enquisas já a situam como terceira força. Há que ter mui em conta esta situaçom, já que a ambigüidade com o tema de Catalunha que Podemos pratica no estado, vai ser muito complicada em Catalunha, tendo em conta que é um dos principais conflitos na esfera parlamentar e na rua. Ademais Podemos é claramente um partido 'catch all' que recolheu o descontentamento da sociedade de maneira transversal e onde seguramente vai ser o partido que mais divergências tenha dentro do seu si, respeito o tema nacional.

Caminho por percorrer

Há gente unionista na Catalunha que se leva as maos à cabeça ao ver como o governo de Espanha nom permite um referêndum, e nom por garantias democráticas, senom por simples estratégia política. É evidente que nom está claro que a maioria dos catalans se pronunciaram pola independência e muito menos se desde Madrid se oferecera algum novo encaixe que dende setores amplos de CiU se pide. Umha das perguntas que fica da consulta do 9N é se houvo muita gente que votaria SISI que nom foi votar, já que se nom os partidários da independência nom som maioritários na Catalunha. Por outro lado, o atual parasitismo, que pode parecer lógico esperando por um cansaço da mobilizaçom cidadá, nom está levando a grandes avances. Segundo os dados das ultimas enquisas de CEO (o centro de estatística catalá), o 42% dos 'novos independentistas' fôrom-no polos constantes ataques do estado cara Catalunha, enquanto que unicamente o 12% foi por motivos económicos. A este passo, é evidente que ainda há caminho por percorrer dentro do independentismo.

As pérolas da caverna mediática

Por muito que se lhe quitara importáncia à consulta, desde o primeiro momento, toda a imprensa estatal ia cheia de noticias e ataques sobre este processo. Outra cousa fôrom os intentos de criminalizaçom, burla ou barbaridades ditas sobre a realidade em Catalunha.

Dos meios mais espanholistas, fôrom contínuos os ataques diretos e seguramente puníveis, como as recorrentes identificaçons do nacionalismo catalám com o nazismo a medida que se achegava o 9N. Inclusive, Roberto Centeno, ex-director de ENAGAS e tertuliano da televisiom 13TV chegou a destacar a coincidência da data da consulta com a 'Noite dos cristais rotos'. As comparaçons entre Goebbels e o suposto adoutrinamento da sociedade catalá fôrom constantes e um programa de Telemadrid, baseando-se nesse discurso misturava imagens de Hitler, Stalin, ETA e Mas e Junqueras. Tanto foi assim que as organizaçons de vítimas do nazismo em Catalunha apresentárom umha querela por difamaçom. Os partidários de nom celebrar a consulta em Catalunha também se apontárom ao carro, tanto Ciutadans como o líder do PSC, Miquel Iceta, quem chegou dizer que "Hitler também montou umhas eleiçons plebiscitárias".

Outro dos casos flagrantes foi quando o ex porta-voz do governo de Aznar, Miguel Angel Rodríguez, assegurou num programa de televisom que a Mas encantava-lhe fazer-se o mártir e que se teria que fuzilar como se fixo com Lluís Companys, presidente da Generalitat fuzilado polo franquismo.

Outro dos mecanismos foi a burla, como a portada do jornal *La Razón* que acompanha este texto, onde se deixa ver que qualquer pessoa poderia ter votado na consulta. Também o *ABC* sacava umha suposta investigaçom onde umha pessoa assegurava ter votado três vezes com o mesmo DNI. Uns dias depois a mesma pessoa desmentia a informaçom e dixo que fôrom três pessoas distintas a votar.

Na Galiza também se escutárom vozes como a do ex-alcalde da Corunha, Paco Vázquez quem assegurou na TVG que "nom há nengumha diferência entre a situaçom de um judeu com a estrela marcada, que a que vive um neno que é perseguido por falar em castelám numha escola da Catalunha". Por nom falar dos consequentes artigos de *La Voz de Galicia* nos últimos dous anos em contra do processo catalám e debuxando o caminho marcado desde Madrid, onde se dava a entender que o processo era umha estratégia política dum líder messiânico.

DITO E FEITO

"A ACGB nasce para oferecer desde umha perspectiva de esquerdas, um jeito novo de sermos galegos"

ENTREVISTA COM PARTICIPANTES DA ASSEMBLEIA CULTURAL GALEGA DE BARCELONA

"Quigemos rachar com um galeguismo caduco e folclorista"

MARIA ÁLVARES / **Num dos bairros mais populares de Barcelona, Gràcia, nom é raro escuitar gaitas e pandeiretas, neste mês tem lugar um magusto popular com castanhas do país e Licor Café, no Natal o Apalpador deixa o Courel para visitar as crianças galegas que moram em Catalunya e em maio celebra-se o Dia das Letras. A nossa cultura quijo sair das 'enlatadas' e muitas vezes folcloristas "associaçons de gallegos" subvencionadas com dinheiro público que abundam em Catalunya(como em tantos outros países com emigraçom galega), para beberem da cultura de base e popular e ter como referente os centros sociais da Galiza. Nos Països Catalans esta aposta leva o nome da Assembleia Cultural Galega de Barcelona, reúne-se no Ateneu Roig e as suas sócias, galegas e catalás e de idades mui diversas, chegam já às cem.**

Como nasce a ideia de criar a ACGB?
Nasce em fevereiro de 2012 e a intençom é dar um pulo renovador à cultura galega de Barcelona. Atualmente estamos de celebraçom: chegamos às cem sócias. Para nós é um limiar mais que importante, significa que conseguimos congregar sob o mesmo teito a um bom número de pessoas com um objetivo em comum: a defesa dumha cultura galega renovadora e centrada no futuro e nas novas geraçons. E este foi o nosso objetivo quando nascemos depois de constatar que as associaçons galegas de Barcelona ofereciam e continuam a face-lo, um galeguismo caduco e folclorista.

Fala-me das atividades que levades a cabo.
Fazemos atividades mui variadas, todas com um eixo central: a defesa e a difusom da cultura galega. Por cultura galega entendemos um elemento mutável que ainda que parta da tradiçom, mantem a pegada no presente e a mirada aberta ao futuro.

Umha das actividades das que mais nos orgulhamos é a que principalmente realizam um grupinho de pais e maes sócias da ACGB que querem que as suas crianças medrem em contacto coa cultura e a língua galegas. Para nós é um prazer constatar que fomos quem de criar este espaço pensando nas novas geraçons. Além disto, podemos salientar atuaçons musicais como a de Xabier Díaz ou Davide Salvado, relatórios sobre a cultura galega em Catalunya ou a situaçom da nossa língua. Sem esquecer os magustos, as fias e contrafias, juntanças que organizamos para tocar e dançar de modo inclusivo.

Dixemos que a língua é um eixo vertebral da assembleia, como avaliais a situaçom da língua se a comparamos com a do Catalám em Catalunya?
A situaçom da nossa língua é mui preocupante, e oferecer umha visom irreal sobre ela poderia ser um risco para a Galiza como povo.

Pensamos que hoje por hoje, trabalhar língua galega significa vencer os preconceitos que ainda existem sobre ela, esse é o elemento no que centramos as nossas actividade sem entrarmos em questons políticas. A diferença entre a situaçom do galego e o catalám bem se pode resumir numha frase: falar catalám na actualidade soma, falar galego, resta.. Cambiar o segundo é a nossa luita.

Tradicionalmente as associaçons de galegos no exterior tenhem sido tachadas de folcloristas e fraguistas. A ACGB rompe tópicos. A que se deve esta ideia?
A origem da ACGB está precisamente nesta visom folclorista e caduca da cultura galega defendida e promovida, com dinheiros públicos, por parte de boa parte do associativismo galego no exterior. A ACGB nasce para mudarmos isto, para oferecermos, desde umha perspetiva de esquerdas, um jeito novo, renovador, de sermos galegos e galegas.

"Fomos quem de criar um espaço pensando nas novas geraçons"

Que credes que pensam os cataláns dos galegos e da nossa cultura?
A nossa experiência é mui positiva. Sempre recebemos muito apoio da cultura catalá, e boa parte dos nossos sócios e sócias som cataláns e podemos dizer que amam e respeitam a cultura galega como própria. A cultura catalá nom é só a nossa mae adoptiva, se nom que, como inclusiva que é, tem vontade de partilhar experiências às que nos acolhemos com vontade.

Mas nom te engano, é certo que às vezes atopamos-nos com estereótipos (espalhados por esse associativismo caduco) como que os galegos somos "pepeiros e espanholistas", mas aqui estamos nós para rachar com eles e fazer de contraponto e muitos cataláns mudárom de opiniom!

A figura do apalpador chegou a Catalunya. Como a conhecestes vós? E desde quando se organiza o ato do Apalpador?
Conhecemos-lo graças ao importante movimento de recuperaçom que fijo a Gentalha do Pichel. E sentimos-nos mui orgulhosos de que agora as crianças da ACGB falem dele igual que dos Reis Magos, a primeira visita do Apalpador foi no 2012 e desde entom nom faltamos ao encontro!

"As crianças da ACGB falam do Apalpador como dos Reis Magos"

Catalunya está a viver um momento histórico excepcional pola consulta a favor da independência. Muitos e muitas pudestes também votar, como se vive este momento como galego em Catalunha?
Na ACGB como coletivo diverso nom há umha opiniom unânime mas todas coincidimos em fazer umha valoraçom mui positiva. Pessoalmente creio que o movimento soberanista catalám é umha resposta a umha insatisfaçom popular: o povo catalám sente que o marco actual nom garante a sua identidade. É certo que podem existir alternativas mas todo aponta a que a secessom será o caminho escolhido. O problema é que a dia de hoje nom se sabe com total certeza o apoio real deste caminho, isto é, algo que só um referendo como o de Escócia pode mostrar.

Na Galiza vive-se o movimento oposto: umha regressom identitária alimentada pola repressom centralista e polos enormes preconceitos culturais e lingüísticos que imperam no país. Em Catalunya ser independentista tem umha conotaçom positiva, na Galiza é sinónimo de terrorista... muito teriam que mudar as cousas para vivermos nós um momento semelhante, mas como todo: só depende de nós!

ALÉM MINHO

A partir da lei das privatizaçons de 1990 iniciou-se um processo com negativas consequências económicas

SEGUNDA PARTE DA GREVE NA EMPRESA AÉREA ENTRE OS DIAS 30 DE NOVEMBRO E 2 DE DEZEMBRO

Greves contra a privatizaçom da TAP ameaçam parar espaço aéreo português

RAIMUNDO SERANTES / **Os trabalhadores da TAP estám à espera de uma proposta da empresa para convocarem umha assembleia em que se decida se avançam ou nom com os dous dias de greve agendados para o final do mês, que som continuaçom de outros dous que já se realizárom entre o final do mês de outubro e o princípio do mês de novembro. Segundo o Sindicato Nacional do Pessoal de Voo da Aviação Civil (SNPVAC), a proposta da TAP já "devia ter chegado no fim de semana passado".**

Os trabalhadores exigem o cumprimento do acordo de empresa e, ainda que isto nom seja público, a suspensom dos cortes no Orçamento de Estado e a reposiçom das anuidades. Atrás de todo isto encontra-se a decisom do governo da semana passada de relançar a proposta de privatizaçom da companhia através da venda de 66% do capital e alienaçom do restante nos dous anos posteriores à assinatura do contrato. Catarina Martins, do Bloco de Esquerda, foi umha das políticas que manifestou a sua total oposiçom: "nengumha privatizaçom aconteceu em tam pior tempo e com tam pior desculpa" apesar de que "este governo já privatizou quase tudo o que havia para privatizar."

Mais dívida e mais dependência apesar das privatizaçons

Dizem os historiadores que com a democratizaçom do país surgiu um tecido empresarial ao serviço da populaçom, mas a partir da revisom constitucional de 1989 e a publicaçom da lei das privatizaçons de 1990, iniciou-se um processo com negativas consequências económicas que se prendem com a desigualdade e a degradaçom do interior do país que se vive na atualidade. O Estado perde muito dinheiro com as privatizaçons e com o facto de que os lucros nom tributem em Portugal em muitos casos, mas o pior é que o manuseado argumento de privatizar para nom contrair dívida pública verificou-se falso, umha vez que esta aumentou de forma exponencial nos últimos quatro anos.

> "Nengumha privatizaçom foi em tam pior tempo"

Por setores, a reprivatizaçom do setor financeiro tivo como consequência a primazia da atividade especulativa em detrimento da actividade produtiva e levou à falência de dois bancos: BPN e BES. O setor energético conheceu aumentos sucessivos nas tarifas, quer do gás, quer da eletricidade, quer dos combustíveis. No setor das comunicaçons, o estado tivo que reinvestir na Portugal Telecom para colocá-la novamente ao serviço público. Outras firmas estratégicas privatizadas nos últimos anos fôrom a Empresa Geral do Fomento, que gere os resíduos sólidos urbanos, área vital para a saúde pública, ou as empresas de transportes públicos, que reduzírom o número de carreiras e portanto deixárom sem direito à mobilidade muitas pessoas do interior do país. Quer dizer, Portugal fica mais endividado e os cidados com piores serviços.

Explicado polo sindicato CGTP: "É neste quadro que se insere a anunciada concessão da gestão da Carris, STCP, Metropolitano de Lisboa, Metro do Porto e CP à iniciativa privada. O Estado fica com a parte não lucrativa destas empresas, cabendo aos privados a exploração da esfera rentável, numa nova forma de PPP que PSD e CDS pretendem inaugurar. As populações ficam com menos serviços, a preços cada vez mais incomportáveis. Os trabalhadores vêem reduzidos os seus direitos, desde logo pelo incumprimento por parte do Estado do determinado nas convenções colectivas. Tal e qual está configurado, uma vez mais, os únicos beneficiados serão os que vierem a controlar o negócio propiciado pelo Governo. O mesmo se passa com a TAP, num processo que é lapidar quanto à natureza e efeitos dos processos de privatização".

7 RAZONS PARA PARAR A PRIVATIZAÇOM DA TAP

1. 12 mil trabalhadores (e 10 mil postos de trabalho indiretos)
2. Maior exportador de Portugal
3. Valor estratégico nas ligaçons interiores e serviço às comunidades portuguesas no estrangeiro
4. Outras empresas aéreas privatizadas fôrom ruinosas
5. Apesar da gestom negligente, apresenta resultados positivos
6. As anteriores tentativas de privatizaçom falhárom
7. O valor polo qual o governo está disposto a alienar a TAP é um esbulho ao erário público

POVOS

A verdadeira importância dos Altos do Golám som os recursos hidráulicos e energéticos

Territórios ocupados no 67 na Palestina histórica, fatos históricos e atualidade

JOSÉ ANTOM 'MUROS' / Depois da Guerra dos 6 dias entre os países árabes e os sionistas, os territórios nom ocupados polo Estado de Israel no ano da Nakba de 1948 e administrados polos estados árabes vicinhos da Jordánia -Cisjordánia e Jerusalem Leste- e Egipto -a Faixa de Gaza-, som ocupados junto com os Altos do Golam e um anaco do Sul do Líbano polo ocupante sionista.

Neste novo apartado analisaremos a atual situaçom de cada um destes territórios e a sua evoluiçom, veremos que só a luita e a pressom logram devagar cambiar o estatus particular de cada território e do Movimento de Libertaçom Palestiniana em geral: exemplo disto último é o reconhecimento internacional e entrada quase plena como estado na ONU e as suas agências a conta de desafiar aos americanos.

O ocupante sionista só dá o que colheu com violência no terreno, auto-organizaçom, contrapoder e firmeza ou por pressons de agentes internos importantes para eles: vimos isto último no Sinai ocupado a Egipto e onde as pressons americanas a escassa política colonizadora daquela permitírom que Israel, sem apenas custos, cede-se ao governo amigo de Sadat o Sinai com Henri Kissinger coma cicerone.

Vemos casos recentes mais encomiáveis nas que se vinculam a pressom internacional a Israel: apoios internacionais de países anti-imperialistas e de setores solidários na populaçom mundial que desenvolvem campanhas polo reconhecimento de Palestina e de boicotagem à entidade sionista: a audaz e expansiva BDS é um exemplo disto. Com a luita e a auto-organizaçom dum contrapoder de resistência no próprio terreno: a heróica luita da resistência no Sul do Líbano que encabeça entre outros agentes Hizbulá é claro exemplo ao lograr trás 33 anos de luita, a retirada de Israel no ano 2000. Agás numha pequena área de 10 km -as granjas de Shebaa- a exigência da resistência libanesa da total libertaçom e o incondicional apoio aos irmaos palestinianos provocou tensons e invasons posteriores sempre perdidas polo ocupante.

Altos do Golam: território ocupado no 67 à Síria Baasista dos al-Assad. A comunidade internacional nom reconhece a posterior anexom do território por parte de Israel. Além da sua importáncia estratégica para defesa por parte de Israel, som montanhas entre chairas, a sua importáncia real som os recursos hidráulicos e energéticos. Em 1.800 Km de território anexado Israel explora colonial e indiscriminadamente os recursos hídricos, energéticos e agrícolas deste território. Num ambiente militarizado os colonos instalados por Israel exploram indiscrecionalmente uns recursos também aproveitados polas populaçons sionistas do norte do Estado de Israel (Antiga Galilea). Vinte mil colonos sionistas gerem terras das que fôrom expulsos 90.000 cidadaos sírios (600.000 descendentes reclamam o retorno) e atuam como informantes e força militar contra os 22.000 habitantes legítimos do território. Estes, maioritariamente da confissom religiosa drusa, som leais à sua identidade árabe-síria e rechaçam a cidadania restringida que o Estado de Israel concede aos nom judeus.

A FUNDO

Um pequeno grupo de achegados a Louzán monopoliza importantes projetos tanto da Deputaçom como da Junta

O EMPRESÁRIO JOSÉ LUÍS NÚÑEZ MISER ACONDICIONOU A BATEIA DE ONDE SAIU O PELOTOM EM 2013

Ex-contrabandista ligado a Louzán, beneficiado com negócio milionário em ‘La Vuelta Ciclista a España’

O empresário vilanovês José Luís Núñez Miser - no passado relacionado com o tráfico ilegal de tabaco e na atualidade integrante do círculo próximo ao presidente da Deputaçom de Ponte-Vedra e do PP provincial, Rafael Louzán – foi beneficiado com negócios milionários na ediçom da Vuelta Ciclista a España do ano 2013. Em concreto, algumas das suas empresas recebérom os encargos de acondicionar a bateia de onde saiu o pelotom em Vila-Nova de Arouça e de transportar os corredores por mar, trabalhos que lhe teriam reportado vários milhons de euros.

SALVADOR ROSA / Fica claro, mais uma vez, que pertencer ao círculo de poder do presidente da Deputaçom de Ponte-Vedra e máximo responsável do PP na província, Rafael Louzán, é um negócio bem lucrativo. Ano após ano, e desde que o dirigente conservador passou a controlar a instituiçom provincial, muitos familiares, amigos, vizinhos e conhecidos dele nom só obtivérom um emprego na Deputaçom, senom que também algumhas destas pessoas protagonizárom umha fulgurante carreira empresarial à conta das importantes subvençons que administra o organismo público.

De igual modo, um pequeno grupo de homens e mulheres de negócios mais próximo a Louzán continua a monopolizar importantes projetos promovidos tanto pola instituiçom provincial como pola própria Junta de Galiza, apesar do envolvimento destas pessoas com o contrabando de tabaco, tal como denunciou esta publicaçom em 2011 (NGZ100). Se daquela o negócio escolhido fora o pujante sector eólico, desta vez é a organizaçom de La Vuelta Ciclista a España a que deixa lucros milionários.

Um destes homens de negócios é o empresário vilanovês José Luís Núñez Miser - conhecido como 'Chicho' ou 'o Rúbio',- ligado no passado ao tráfico ilegal de tabaco e cujas empresas fôrom as encarregadas de acondicionar a bateia de onde saiu o pelotom em 2013 da prova desportiva e de transportar por mar as equipas ciclistas desde o peirao de Vila-Nova de Arouça até a mexilhoeira. A sua vinculación com a Deputaçom provincial é mui estreita, até o ponto de que a sua dona trabalha no ente provincial.

A construçom, montagem, transporte e balizamento da bateia - cedida polo Conselho Regulador do Mexilhom de Galiza e avaliada em mais de 300.000 euros – figêrom-se através de várias das suas empresas: Servicio del Automatismo y Metal levou a cabo as obras e coordenou a obtençom das licenças, enquanto Astilleros Polináutica realizou os cálculos dos níveis das marés e coordenou as sinalizaçons marítimas. Para transportar os ciclistas do peirao à bateia, utilizárom-se as embarcaçons da empresa Rutas Rías Baixas, também da sua propriedade, e que, ademais, foi a encarregada de coordenar a segurança marítima durante a prova. Por estes trabalhos, as suas empresas recebérom vários milhons de euros.

Rafael Louzán, segundo pola esquerda, num ato promocional de La Vuelta'13

PONTEVEDRAVIVA.COM

> O negócio que mais lucros lhe reporta é a construçom naval, graças a milionários contratos que costuma celebrar com as distintas Administraçons

Núñez Miser -esquerda- junto com o organizador de La Vuelta, Javier Guillén -direita-

Através da firma Rutas Rías Baixas gere igualmente os catamaráns que transportam cada ano às ilhas Sias e Ons os rapazes e as raparigas participantes nos acampamentos de verao financiados pola Deputaçom, além de operar as viagens turísticas a estes arquipélagos desde diversos peiraos da província. Possui ainda a empresa Montajes Eléctricos Salnés (Meldosa), beneficiária de quantiosas subvençons públicas. Sem ir mais longe, em 2012 resultou beneficiada por Portos de Galicia - que preside o ex-vice-presidente da Deputaçom e ex-edil de Vilanova de Arouça José Juan Durán, um dos homens de confiança de Louzán – com um contrato de mais de 600.000 euros para a melhora, o manutenção e a conservaçom de instalaçons elétricas em todas os peiraos pertencentes a este organismo. Dous anos antes ingressara mais de 230.000 euros noutro concurso público, desta vez para a instalaçom a iluminaçom no enlace da PO-510 em Salvaterra de Minho.

> A bateia da ‘Vuelta’ está avaliada em mais de 300.000 euros

Ainda que também conte com interesses no sector da hotelaria, o negócio que maiores lucros lhe reporta é a construçom naval, graças aos milionários contratos que costuma celebrar com as Administraçom públicas. Segundo a página web dos Astilleros Polináutica,

> Núñez Miser foi imputado por inflar os preços na construçom dum barco subvencionado com fundos públicos europeus

desde que fôrom criados já construírom oito embarcaçons para o Serviço de Guarda Costeira da Junta e outras dez para tarefas de vigiláncia pesqueira em várias confrarias pesqueiras galegas.

Inquérito do Organismo Europeu de Luita Antifraude

Foi precisamente um destes trabalhos para os pósitos galegos o que lle supuxo a implicación numha suposta fraude de fundos públicos europeus. A começos de 2013, o fiscal de Crimes Económicos, Augusto Santaló, apresentou umha querela contra os responsáveis da Confraria de Cambados na sequência dumha denúncia apresentada por pessoas ligadas ao organismo que alertavam do preço excessivo na construçom dum barco para o pósito cambadês por parte da empresa Astilleros Polináutica, cujos administradores - entre eles o próprio Núñez Miser - fôrom imputados como cooperadores necessários.

NOVAS DA GALIZA

Vendem por galego mexilhom chileno

PP mete no negócio eólico ex-contrabandista amigo

Tecer alianças para desenhar o futuro

Centros sociais: construindo país

Os investigadores e peritos que intervinhérom nas diligências judiciais demonstrárom mediante relatórios que fora feita uma taxaçom mui superior ao valor real de embarcaçom com a finalidade aparente de receber umha subvençom maior. A alegada fraude já fora advertida também pola Associaçom Galega de Mariscadores (Agamar) quando Organismo Europeu de Luita Antifraude (Olaf) informou em janeiro de 2012 da cobrança indevida pola citada confraria de subvençons do Fundo Europeu das Pescas para a construçom do navio Tragove, feito nos Astilleros Polináutica de Cambados em 2009. O navio foi orçamentado em 340.000 euros, dos quais 176.104,58 fôrom proporcionados pola Junta e a Uniom Europea.

Quando a Olaf advertiu da suposta fraude, a Junta encarregou umha taxaçom para determinar o valor real do barco, que finalmente foi fixado em 161.179 euros. A diferença obrigou a Conselharia do Mar a promover um expediente de devoluçom das quantias defraudadas pola confraria, uns 84.000 euros (que montam até 100.000 euros, acrescidos os juros de mora). Muitos sócios e sócias do pósito manifestaram na altura as suas suspeitas sobre a sobreavaliaçom do preço do barco e o suposto uso de elementos e peças usadas na construçom deste.

Contodo, em finais do mês de junho passado, o fiscal solicitou o arquivamento do processo ao adlo tir a peritagem judicial feita po

> O fiscal solicitou o arquivamento do caso argumentando a nom retroatividade da norma europeia que fixa em 4000 euros o delito de fraude aos orçamentos da UE

Julgado de Instruçom número 1 de Cambados - encarregado do inquérito - que avalia a construçom do navio em 231.047 euros, quantidade superior aos 161.179 euros fixados na sua querela (a mesma que marcou a Junta no expediente de reintegraçom polo que se exigiu à confraria a devoluçom parcial da subvençom).

A diferença entre o valor orçamentado e o fixado pola peritagem judicial reduz em pouco mais de 60.000 euros a quantidade subvencionada de forma indevida, como também resulta inferior a ajuda de fundos comunitários. O fiscal argumentou que ainda que desde janeiro de 2013 a fraude aos orçamentos comunitários seja delito a partir de 4000 euros, nom cabe aplicar esta reforma de maneira retroativa em prejuízo dos imputados.

Ócio e negócios com antigos capos do ‘choio do fume’ com participaçom de Feijóo

José Luís Núñez Miser nom é o único ex-contrabandista que pertence ao círculo próximo de Rafael Louzán, tendo em conta que mesmo a sua carreira política começou à beira dum dos históricos do 'choio do fume' na Galiza, o ex-alcalde *popular* de Ribadúmia, José Ramón Barral, 'Nené', com quem acabou por romper, depois de o atraiçoar para arranjar o controlo do partido na província.

Conforme desvendava esta publicaçom no seu número 100 (março-abril de 2011), o presidente da Deputaçom de Ponte-Vedra e máximo dirigente do PP provincial comparte amizade com um grupo de empresários com que costuma reunir-se em várias vivendas da comarca do Salnês, em que se misturam ócio e negócios. Dous deles, Ramiro Rafael Martínez Señoráns e José Luís Alfonso Galáns, fôrom processados no início dos anos 80 no quadro dumha operaçom judicial contra as principais redes galegas de tráfico ilegal de tabaco.

Testemunhas a que tivo acesso este jornal situam o presidente da Junta, Alberto Núñez Feijóo, como um dos participantes nalgumas das ceias organizadas na residência familiar do vilanovês Alfonso Galáns e indicam que o líder do PP galego também tem relaçom com Núñez Miser. O próprio primeiro-ministro espanhol, Mariano Rajoy, teria também compartilhado jantares com alguns destes empresários durante as suas visitas de lazer à comarca do Salnés.

À semelhança do que aconteceu com Núñez Miser, estes dous e contrabandistas agora reconvertidos em empresários subscrevem

> Miser nom é o primeiro beneficiado pola sua cercania a Rafael Louzán

importantes contratos e beneficiam de projetos das administraçons públicas galegas. O NGZ100 publicou em exclusivo que a José Luís Alfonso Galáns foram concedidos através dumha das suas empresas, Vendavales Galaicos, um total de 18 megawatts no concurso eólico que promoveu a Junta do PP após a anulaçom do que levara a cabo o bipartido PSOE-BNG.

O empresário solicitara 51 MV e fixara o investimento previsto em 22 milhons de euros, mas os 18 MV que logrou afinal (dos quais teria de executar um mínimo de nove) envolviam um investimento de oito milhons e o desenvolvimento dum plano industrial de materiais cerámicos. Mais o passado verao ficou a saber-se que a empresa perdeu a totalidade dos megawatts por incumprimento dos compromissos.

Vários meios de comunicaçom galegos e espanhóis noticiárom esta informaçom sem citar o NOVAS DA GALIZA e um partido da oposiçom utilizou-na no Parlamento para atacar o PP. Um destes meios foi o já desaparecido *Xornal de Galicia*, que na altura também levou à capa umha informaçom sobre a presença de Rajoy - daquela ainda aspirante à presidência do Governo espanhol - numha embarcaçom pertencente a um dos principais clans do narcotráfico galego. Algumas fontes atribuem a fulminante destituiçom do diretor do jornal, José Luís Gómez, às pressons que teria exercido o líder direitista sobre o proprietário do jornal, o empresário Jacinto Rey, que pouco depois de rescindir o contrato a Gómez fechava o jornal e eliminava da Internet o seu arquivo histórico.

MEDIA

O quadro de pessoal do Diario de Pontevedra abandona a greve sem lograr a readmisom de dez jornalistas

TRABALHADORAS DESPEDIDAS ACUSAM DELEGADOS DE CIG E UGT DE 'INSTAR' AO ABANDONO A GREVE

"Os próprios delegados sindicais instárom o pessoal trabalhador, há seis meses, a aprovar o ERE que logo levou aos nossos despedimentos. Creio que um sindicato nunca deve premiar um acordo assim já que depois a empresa o usará como ferramenta legitimadora para despedir sem trava algumha". A deceçom e cabreio das trabalhadoras despedidas do Diario de Pontevedra fai-se notar depois de que a greve, que marcava como objetivo a readmissom de 10 pessoas, fosse desconvocada apenas umhas horas depois do seu começo. Umha das trabalhadoras despedidas sustém que a greve, que ia durar umha semana com possibilidade de ser indefinida, se convocava para a "readmissom do pessoal mas logo, nem se falou na negociaçom". Para ela, este facto só tem umha motivaçom, "é umha estratégia para desmobilizar o pessoal dando umha suposta tranquilidade e pondo como marca que nom haverá despedimentos até 2016. O tempo dirá se foi um engano ou nom".

ANA VIQUEIRA / Todo começou anos atrás quando o quadro de pessoal foi-se reduzindo paulatinamente até o ponto em que hoje, o Diário de Ponte Vedra sai à rua dia após dia com o trabalho de um plantel ao que lhe falta o 20 por cento. É dizer, se por meia este jornal pertencente ao Grupo El Progreso contava com quase 70 trabalhadoras -segundo o Comité de Empresa- atualmente tenhem pouco mais de 50. De súpeto, sem preaviso algum, a empresa -a editorial Ediciones Lérez- despediu a 10 empregadas, sete delas tinham umha antiguidade que oscila dos 6 aos 14 anos e as outras três eram bolseiras FEUGA. Umha das jornalistas do Diário alerta de que "umha das despedidas foi a chefa redatora -María Núñez- e, portanto, todas as chefas do jornal que há hoje som homens". Nom só existia umha razom social para tomar a protesta e convocar umha greve senom que ademais existia umha cadeia de reduçom salarial que vinham arrastando desde há três anos. A reduçom, que no seu dia se justificou como método para "minorar custes de pessoal", oscila entre o 3 e 20 por cento segundo a nómina e estava assinada até dezembro do 2015.

As trabalhadoras convocam umha greve para pedir a readmissom de 10 pessoas

Os despedimentos sempre influem na carga de trabalho para as pessoas que ficam. Com tal reduçom de pessoal, a redaçom tivo que reestruturar-se transformando a divisom por seçons para a unificaçom. O novo método de organizaçom implica que haja tarefas que se repartam a medida em que as trabalhadoras acabam o seu trabalho "de sempre" e que outras assumam, definitivamente, o trabalho de companheiras despedidas. "Por exemplo, com os despedimentos a seçom de sociedade e cultura ficou com a metade de pessoal e nom se pode assumir esse trabalho. Quem levava San Genjo agora também tem de cobrir Poio. Com esta situaçom é impossível fazer o mesmo trabalho", sustém Serafín Alonso, secretário geral do Comité de Empresa formado por cinco delegados, três da CIG e dous de UGT.

Pinga após pinga, com os 10 despedimentos, a assembleia de trabalhadoras de Lérez Ediciones, a empresa editora do Diário de Pontevedra, aprovou o 28 de outubro a convocatória de umha greve que começaria o 5 de novembro exigindo o fim do corte salarial e a readmissom das trabalhadoras despedidas. Esse dia, às 9 da manhá, as trabalhadoras do jornal assistiam à greve enquanto o Comité se reunia às 11.00 com a empresa. Antes das quatro da tarde, Comité e patronal chegavam a um acordo. Umha das despedidas sustém que "isso nom foi greve nem foi nada, o jornal saiu ao dia seguinte e o acordo já estava fechado anteriormente entre a empresa e o Comité".

No acordo entre Comité e patronal nom se aborda a readmisom das trabalhadoras

O Comité de Empresa, mediante a voz de Serafín Alonso, da UGT, explica que o acordo está baseado em três aspetos que consideram fundamentais. Umha é a estabilidade laboral das pessoas que trabalham no jornal, umha permanéncia do quadro de pessoal que vai chegar até junho de 2016. Na banda económica, a reduçom salarial que ia chegar até dezembro de 2015 curta-se e fica anulada a finais de junho. Nesta data, os salários voltaram a seguir o convénio coletivo e haverá umha suba, no mínimo, do 3 por cento junto a atualizaçom do IPC. O terceiro aspeto que assinalam ditamina que as pessoas que assistirom à greve vam cobrar esse dia como as demais trabalhadoras. De resto, conta Serafín Alonso, "o Comité vai começar a participar activamente nas decisons com a empresa para impedir mais despedimentos". No acordo brilhou umha ausência: as 10 trabalhadoras que ficárom na rua.

> Após umhas horas de greve, comité e patronal chegaram a um acordo

Ao preguntar-lhe por elas, Serafín Alonso diz que "através do Comité comunicou-se à empresa que o mesmo dia de greve exigia-se a readmissom das trabalhadoras ou 45 dias por ano trabalhado." Mas a empresa "nom passou por aí". Alonso indica que "a última oferta foi 32 dias por ano trabalhado que aceitárom, que se conheça, duas das pessoas despedidas. É de supor que o resto vai optar pola via judicial ou chegará a outros acordos...mais esta já é umha questom pessoal".

Como é umha questom pessoal, ao querer indagar a sua postura, Alonso sustivo que, para ele, é "um acordo injusto e insuficiente porque há pessoas que quedárom na rua e porque nom há garantias". Sustém que depois deste acordo nom sabem "se a empresa vai manter a mesma postura. É umha seguridade durante um período determinado. Que vai passar depois de junho do 2016? É a pergunta de todas e todos."

Trabalhadora assegura que o Comité instou a votar em favor do acordo

O acordo foi aprovado com o voto de 36 pessoas a favor, 9 abstençom e nenhum voto em contra. Umha das trabalhadoras do jornal critica que o Comité instou a aceitar o acordo, segundo ela "o Comité dixo que a empresa nom ia fazer mais ofertas e que se seguíamos com a greve cada vez ía secunda-la menos gente e polo tanto sairíamos perdendo". Pola contra, o presidente do Comité, Enríque Míguez (CIG) nega que o Comité, como bloco, pedira dar luz verde ao acordo senom que

cada delegado deu a sua valoraçom pessoal. “Cada membro do Comité deu a sua opiniom sobre o acordo, valorou os pontos e, depois, os trabalhadores decidirom aceitar”, explica.

Míguez assegura que “mirando a situaçom da empresa, das possibilidades, viu que nom se ia mover mais”. Desta forma, “valoramos que permanecer em umha greve, que é um desgaste, podia implicar perder mais do que estávamos ganhando nesse momento e a assambleia decidiu desconvoca-la.” Para o presidente do Comité este acordo é “bastante bom” e assegura que “se intentou negociar a readmissom ou indenizaçom de 45 dias por ano trabalhado” pero que a empresa “nom o aceitou”. “A reforma laboral permite-lhe à empresa realizar este tipo de despedimentos”, sustém, “e o acordo foi positivo porque se conseguiu um avance no eido económico junto a permanência do plantel até o 2016”.

> “A reforma laboral permite à empresa realizar este tipo de despedimentos”

Precarizaçom e mui baixa sindicalizaçom entre jornalistas

Enquanto o Centro de Investigaçons Sociológicas (CIS) publica em outubro que os meios de comunicaçom perdem peso como fonte de informaçom política e a rede se estanca, a precarizaçom avança e as jornalistas continuam tendo um índice de sindicalizaçom extremadamente baixo. O secretário-geral do Sindicato de Xornalistas de Galicia (SXG) fai fincapé em que a precariedade do jornalismo já era um feito antes da crise social iniciada no 2008. “A cotizaçom dos meios de comunicaçom em bolsa, a mudança para o multimédia, a popularizaçom do digital e a expansom do 'todo grátis' contribuiu a devaluar o trabalho jornalístico desde há duas décadas”, para mais, acrescenta, “com a crise, o jornalismo foi o segundo setor -só superado pola construçom- que se viu mais golpeado”. “De aí vimos, da precarizaçom e de usar bolseiras e bolseiros para fazer o trabalho das empregadas”.

SANTIAGO MONTES é secretário-geral do Sindicato de Xornalistas

> “O jornalismo segue-se vendo como umha profissom liberal”

Para Santiago Montes nom se pode defender o jornalismo sem umha defensa das condiçons laborais das jornalistas. “A liberdade de informaçom e expressom defende-se desde o teu posto de trabalho”. Pola contra, apenas há jornalistas afiliadas a sindicatos e se bem semelha doado que umha mobilizaçom em defensa do direito de informaçom poida mover a um centenar de pessoas parece complicado que o mesmo ocorra com a defensa dos direitos laborais de jornalistas. “As jornalistas som valentes para defender o jornalismo mas nom para defender-se a si mesmas.” Na lista de razons, o secretário-geral do SXG anota que as jornalistas “nom querem ser notícia e tenhem que adquirir um compromisso pessoal que pode pechar portas”. Entre as causas também se albisca a separaçom que, ao longo dos anos, foi-se estabelecendo entre as jornalistas mailo povo.

“Ainda que é umha das profissons mais precárias, o jornalismo segue-se vendo como umha profissom liberal”. Casualmente, também é umha das profissons que tem um sindicato gremial ainda que para Santiago Montes isto nom contribui a separar às jornalistas da classe trabalhadora.

TVG e RG nom informárom da greve do Diário de Ponte Vedra segundo o SXG

Para ele “é preciso um sindicato específico de jornalistas porque os conflitos que tenhem nom estám a ser bem tratados por outros sindicatos que sucumbem ante as presons dos empresários da comunicaçom”. Também explica que é um método de combater a escassa sindicalizaçom que há no setor. De facto, anota Montes, “o Sindicato de Periodistes de Catalunya creouno parte do pessoal de CCOO baixo a premissa de que, por favor, os jornalistas se sindicalizassem, onde fosse mas que se sindicalizassem”. Como reflexom destas ideias que sinala, Santiago Montes detalha a escasa cobertura mediática que tenhem os conflitos laborais das jornalistas. “Nom só apenas se cobrem e que, ademais, vam com o ponto de vista exclusivo da patronal”, explica. “Há que protestar por isto. Nós vamos sacar um comunicado alertando da escassa cobertura que tivo o conflito laboral do Diário de Ponte Vedra e de como os meios de comunicaçom públicos – a Televisión de Galicia e a Rádio Galega- nom sacárom esta informaçom.” Emquanto à sua postura frente o acordo, ele opina que “tal como foi convocada a greve na assembleia de trabalhadoras, foi desconvocada”, semelhando um “exercício democrático”.

Com a olhada no que virá, o secretário-geral do SXG divisa a sindicalizaçom e a conexom das jornalistas com a sociedade, onde posui umha “ínfima valorizaçom porque a sociedade tampouco se vê representada nos meios”. Para ele, também se deve dar pulo ao jornalismo independente, aos alternativos e autónomos. “Todo puxa”, assegura, “há que pôr em valor o jornalismo e para isso há que ter coragem”.

NOTAS DE RODAPÉ

9N: trocar um ódio velho de Rajoy por um abraço

Mariano Rajoy fora enviado duas vezes de Madrid a Galiza para apagar lumes. A primeira, em 1987, para substituir Barreiro Rivas na vice-presidência da Junta; a segunda, para enterrar os fios de plastilina do Prestige, em novembro de 2002.

Desta, Rajoy regressa como chefe de governo para recolocar nos altares o Barreiro Rivas, excomungado supremo da AP e alcumado por ele mesmo de "traidor", "desleal" e "malvado", com a Junta de Fernandez Albor.

Fraga chamava "*felón*" (cruel, falso, ressentido, miserável) a Barreiro e negava-se em público a "emporcar a língua com o nome dum traidor".

Recebendo o prémio de jornalismo de *La Voz de Galicia*, o outrora *felón*, trata a Rajoy de "querido amigo Mariano" e di que a visom do presidente espanhol alegra-o "até o infinito na funda e velha amizade" que lhe tem.

O querido amigo Mariano recompensa ao premiado seus melindres com esta orelha ornada de branco açúcar: "um analista de referência que sabe explicar a realidade de jeito rigoroso e independente".

A paz val um tesouro. O presidente da Junta vive um romance com o jornal de Arteixo.

Os recortes das pernoitas de Pachi Lucas em Monte Pio, dos negócios de Marcial Dorado ou das academias de democracia dos Baltar, Currás e Conde Roa, nom avultarám nunca para um prémio coma o de Barreiro.

O premiado analista vem de publicar *La España Evidente*, um ensaio que nom identifica "realidades encontradas" entre Catalunha e Espanha, algo que sabe a glória ao 'querido presidente'. Na feira dos prémios, paga-se mais um dó de peito unionista ca um velho cartaz de busca e captura com foto de *felón*. O 9N sentou um pródigo de cinco estrelas na mesa de Rajoy, quem o diria.

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a **NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela**

Nome e Apelidos ____ Tel. ____
Endereço ____ C.P. ____
Localidade ____ E.mail ____
☐ NºConta ____
☐ Junto cheque polo importe à ordem da A.C. Minho Media

ASSINATURA

☐ Subscriçom + livro = 35 €
☐ Subscriçom anual = 24 €
☐ Subscriçom + pack bilharda = 30 €
☐ Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €
☐ Assinante Colaborador/a = ____ €

A CONVERSA

"A realidade desta Galiza colonizada nom tem representaçom no concerto da lusofonia, e é representada por um Estado que nos nega"

XOSÉ LOIS GARCÍA É EXPERTO EM LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA

"Que a minha jornalística esteja em ILG-RAG responde às exigências dos que dominam os meios"

CARLOS CALVO VARELA / **Molda palavras e elabora críticas literárias, divulga a cultura galega por aló onde caminha com um olhar composto por um olho namorado da escrita e outro da história. Xosé Lois Garcia nasceu em Lugo e aos vinte anos passou a viver em Barcelona onde hoje dirige o Arquivo Histórico Municipal de Sant Andreu de la Barca. Além Mediterráneo, Xosé Lois mergulha na literatura de expressão portuguesa na África e faz dela a sua especialidade. Este roteiro leva-o a investigar a obra de Agostinho Neto, primeiro presidente de Angola, escrever prólogos de múltiplos poetas e ser membro de honra da União de Escritores Angolanos.**

Uma pregunta que se fará muita gente: como é que você tem tão pouco contacto, aparentemente, com o reintegracionismo?

Nunca me perguntei por esta questão. Mas se você fizer a pergunta ao revés, aos reintegracionistas, o porquê eles não entraram em contacto comigo. Estou certo que não ignoram a minha humilde atividade no campo da Lusofonia e podiam-lhe responder. Mas o tema é secundário, por muitas razões. Há um ponto único de chegada, ainda que por diferente caminho.

Em meados da década de 90, vendiam-se mais livros portugueses nas livrarias galegas do que em todas as dos PALOP [Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa] juntas. Mudou muito a situação? Que possibilidades representa para a Galiza?

Não sei se isto é assim, possivelmente aconteceu, mas não tenho cifras para confirmar tal situação. Estamos a falar dum tema muito delicado do ponto de vista sociológico e político. Nos PALOP, da década de 90, ainda havia uma mentalidade de desconfiança relativamente a certos produtos, como era o livro português. Estamos a falar de uma década bélica, no que respeita a Angola e Moçambique. A economia emergente destes dous países estava confinada em gastos de guerra. Ainda assim, Angola já tinha um potencial enorme de publicações e uns recursos editoriais de grande valor e, também, uma lei protecionista da produção do livro. Nos demais países era mais deficiente a presença do livro, para não dizer testemunhal. Na Galiza houve uma mudança enorme no mercado do livro, da qual podemos quantificar várias convulsões que intervieram neste retrocesso: crise económica, falta de apoio institucional, a presença de redes informáticas que modificaram leitores e vendas de livros. Esta decadência marca um novo rol no retrocesso das livrarias. Acho que o leitor trocou o livro convencional pela oferta das redes informáticas. Podia ser esta a questão de tal decadência?

> "Eu nunca fui embaixador de nada. Isso de embaixador é uma maçada e odeio o termo. Eu sou um simples representante cultural"

Em 1996 institucionalizou-se a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) com a ausência da Galiza. Na altura, você escrevera que apenas um dos presidentes dos Estados membros estava "mui sensibilizado e conhecedor da realidade galega". Melhorou algo a situação desde então?

Claro que a realidade desta Galiza anómala e colonizada não tem, de momento, representatividade. Está representada por um Estado que nega as nossas atribuições nacionais, e junto da CPLP mantém a sua influência burocrática para que nenhum país esteja a mexer no problema nacional galego. Mas o tema é que a Galiza não conta com organismos próprios que superem esta situação.

Eu tenho conversado muito pouco com quatro dos presidentes das nações integradas na CPLP, duma maneira coloquial e protocolar sobre a Galiza. É verdade que só um de eles evidenciou conhecer a nossa problemática. Isto não quer dizer que os demais a ig-

Um embaixador na Galiza tropical

"Começam os galegos a entender-se sobre a normalidade linguística, ou ainda estão a dar pancadas?"
MARTINHO DOS SANTOS, dirigente moçambicano

Luanda, Novembro de 1997. Um chantadino toma a palavra na Assembleia Nacional Popular. É um dos relatores do I Congresso da Literatura Angolana. Começa saudando o presidente parlamentar, o seu amigo Roberto de Almeida, e o resto de autoridades e políticos. Enceta assim o discurso: "Venho duma nação sem Estado, chamada Galiza, com uma língua própria do bloco linguístico lusófono, mas não vou falar da situação política e colonial do meu país, em homenagem da minha nação. Permitam-me, estimados participantes neste congresso, falar a minha língua que vocês não ignoram. Obrigado." E continua a ler, sem que ninguém perceba nenhuma diferença, o seu relatório em galego ILG-RAG. Adverte, já de primeiras, de que "nunha España gobernada por unha clase dominante egocentrista e defensora da terríbel historia colonial", pouco interessa a literatura da África negra. "Sei que esta miña opinión non lle gustará ao Sr. Embaixador de España, aquí presente, mais a verdade está por enriba de calquera xesto protocolario ou compracencia."

C.C.V. / O de Chantada, criado na paróquia de Morlám, chama-se

Xosé Lois Garcia, e a pergunta que se estarão a fazer muitos leitores é "por que é tão pouco conhecido este homem entre o reintegracionismo?" Eu soubem dele graças ao Héitor Picalho, quem numa noite no Bar Orellas de Ordes, me contagiou o seu entusiasmo polo nosso embaixador popular na lusofonia, especialmente na África galego-falante. Precisamente de Héitor Picalho é a genial ilustração da capa do *Polas diversas xeografías da Lusofonía*[1], livro que, com certeza, há de ajudar a divulgar o formidável trabalho de Xosé Lois García. Trata-se dum amplíssimo compilatório de conferências, colóquios, prólogos de livros, artigos na imprensa, etc; acompanhado de mais de oitenta fotografias e prologado polo sem-

norem, pode que sejam mais reservados.

Algumas pessoas veem ecos neocoloniais no conceito de Lusofonia, e escritores como Pepetela mesmo gostam mais de propostas como a de "Galeguia". Julga que a Galiza é melhor recebida na Lusofonia através de África ou do Brasil, do que de Portugal? Pesa ainda muito o temor português de não incomodar Espanha pola "questão galega"?
Isto acontece. Esses ecos exibem-nos pessoas intelectualizadas, mas com um impacto relativamente minoritário. Repare, Pepetela é um intelectual de maiorias, sei muito bem o que pensa sobre a Galiza. Particularmente, não me desagrada a sua definição, mas gosto desta outra: "Galusofonia". Penso que a Galiza é mais estudada e definida pelo Brasil que pelos países africanos de expressão portuguesa. É evidente esse temor, essa desconfiança que o ditado popular manifesta: "De Espanha nem bom vento, nem bom casamento". Isto é um dato histórico de relevância. Nos ambientes políticos de Lisboa trata-se de ignorar a questão nacional da Galiza, não assim no norte de Portugal. O Brasil é outro universo sem complexos, lá compreendem a nossa identidade diferencial de uma maneira pragmática.

Você exerceu toda uma "embaixada autogerida" da Galiza na Lusofonia. Em 1997, por exemplo, começou um discurso na Assembleia Nacional popular de Angola falando da situação colonial da Galiza. Acha que o seu ativismo ajudou os dirigentes lusófonos a conhecerem a nação galega?

Pronto, nunca fui embaixador de nada. Isso de embaixador é uma maçada e odeio o termo. Eu sou um simples informante da nossa realidade cultural e linguística que pertence ao bloco natural lusófono. Dele procuro importar informação que espalho nos meios de comunicação galegos.

O tema do meu discurso na Assembleia Nacional Popular de Angola, no I Congresso da Cultura Angolana, foi porque lá estavam embaixadores de África e da Europa, entre eles o espanhol e aproveitei a ocasião para desvelar as problemáticas da Galiza. Mas este não é um tema novo em mim, dado que o tenho repetido em Moçambique, no Brasil e em Cuba, perante os responsáveis diplomáticos espanhóis. Mais do que uma postura é uma atitude de dignidade.

> "A minha geração não teve alternativas. Então há que inventar coisas"

O Parlamento galego aprovou por unanimidade a ILP Valentin Paz-Andrade, que reconhece a centralidade da Lusofonia para a Galiza. Melhorou muito a sensibilidade galega quanto a importância da lusofonia?
É um tema que não conheço pontualmente. Penso que são positivas as aderências. Mas há que olhar com lupa essa aderência e o grau de eficácia que ela possa ter. Um parlamento com maioria do PP, devemos ter dele certas reservas sobre as muitas e incorrigíveis atitudes. Mas há uma sensibilidade de maior que se processa em vários termos e achegas como é a tomada de consciência sobre a Lusofonia, da parte galega. Isto pode trazer mudanças estruturais de considerada importância.

A maioria da sua obra jornalística está escrita na normativa ILG-RAG. Conseguimos já que a condição lusófona da Galiza fique por cima das escolhas ortográficas de cada quem?
Você sabe muito bem que a minha geração foi escolarizada pelo franquismo em espanhol, quando se toma consciência da degradação da língua do seu país, no meio de tantas anomalias e confusões, não tem opção nem alternativas, então há que propiciar a maneira de combater essas agressões inventando coisas, ainda superficialmente. É verdade que a minha jornalística pode estar na linha que sustentam a ILG-RAG, mais de facto responde a um problema inicial e, também, às exigências dos que dominam os meios de comunicação. Isto é o problema, ainda que eu seja bastante desordenado em matéria ortográfica. Neste sentido, a barafunda é de tal tamanho que o que estamos presenciando responde a uma enorme vergonha colonial.

Nos últimos anos a Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP) está a ser reconhecida com absoluta normalidade polos seus pares na Lusofonia. Como avalia o seu trabalho?
Muito positivamente, ainda que desconheça pormenores da sua atividade. São passos dados e ainda insuficientes para superar o que de nós ignoramos. A Galiza precisa criar um perfil inovador, a AGLP pode ser um dos veículos possíveis que transcenda alem de inadequados comportamentos em uso. É preciso vitalizar a presença da Galiza no universo lusófono, duma maneira coerente, só assim faremos das nossas reivindicações um ato revolucionário, no que respeita à nossa língua e à nossa cultura.

> Xosé Lois García, chantadino, toma a palavra na Assembleia Nacional Popular angolana. Dirigindo-se ao auditório, defende o caráter lusófono da Galiza

CARLOTA BUENO HERMIDA

pre ativo David Otero. É o resultado de décadas de ativismo na lusofonia, de relações internacionais autogeridas da Galiza com os Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP) e demais.

A temática do livro, sempre com a lusofonia de protagonista, é mui ampla; abrange da poesia política carcerária às crónicas de viagem, passando polas lutas da libertação nacional em África. Destacam os artigos sobre o relacionamento entre o nacionalismo galego e Portugal e, sobretudo, os estudos dedicados a Angola, país do que Xosé Lois Garcia tem um profundo conhecimento. Um conhecimento, há que dizê-lo, pessoal e direto, porque quase todas as pessoas da política e da literatura das que X.L. Garcia fala, são amigas pessoais suas. Quanto aos artigos mais jornalísticos, ressaltam os de intervenção, perante algum desplante de José Saramago ao galego, ou a triste polémica de Gilberto Gil em Compostela em 2004. Noutro artigo, este de 1994, X.L. Garcia criticava profeticamente as traduções do 'português' para o galego 'galego': "Ao ritmo que imos, algún traductor iluminado traducirá a Fernando Pessoa", como finalmente aconteceu, com uma premiada tradução.

Polas Diversas Xeografías da Lusofonia vem a ser, por outra parte, uma nova constatação de que o discurso lusófono já é hegemónico, voando por cima das escolhas ortográficas[2]. Para qualquer leitora amante do galego constituirá um importante reforço simbólico: nas suas páginas aparecem continuamente escritas e políticas da lusofonia que conhecem e defendem a Galiza e o galego, que nos gritam "não estão sozinhas!". Para a ativista, este livro contém todo um programa de ação: o imenso capital de relações que forjou X.L. Garcia pode dar excelentes resultados mancomunando-o. Antes do mais, algo que poderia interessar à Através Editora: as obras completas de Agostinho Neto precisam de editora.

NOTAS

1. GARCÍA, Xosé Lois. *Polas diversas Xeografías da Lusofonía*, Guitiriz, A.C. Xermolos, 2013, 866 págs.

2. Sobre o reintegracionismo além da questão ortográfica: a reportagem de Rubén Melide "O reintegracionismo latente" no NGZ-134; e o de Mónica G. Devesa, "Busco amante galego-falante", no nº 136. [Artigo original no PGL.gal]

CULTURA

MÓNICA DE NUT, CANTANTE DE JAZZ

“Há poucos espaços e recursos, a seleção é muito mais dura”

L. DOPAZO RUIBAL / Mónica de Nut é uma das figuras mais destacadas, diferentes e chamativas do panorama musical galego. Uma voz espetacular, cheia de força e valentia, que aparece polo geral ligada ao jazz, mas o seu trabalho é mais bem uma mistura de artes e estilos, que fazem de seus concertos algo único.

“Elegi o canto, apesar de que comecei com o piano; o canto lírico é algo que gosto de fazer, e impressiona muito porque tem uma base técnica muito potente. Improviso, jogo com o que vai surgindo e não é tão premeditado; sempre penso as coisas, mas depende do que tope pelo caminho, interatuo”, explica. “E estou feliz porque faço o que gosto de fazer”.

Mónica de Nut formou-se em diversas escolas. Conservatório Superior de Vigo, Escola Superior de Canto de Madrid, Seminário Permanente de Jazz de Ponte Vedra e um longo etcétera, que se unem à variedade de projetos em que esteve e está envolvida. Atualmente é frequente vê-la na companhia do guitarrista Virxilio da Silva, com quem assina o seu segundo disco.

Jazz, música tradicional, blues, música clássica, tudo adubado com improvisação, teatro, performance. "A recepção do público é muito grata. Eu parto de que o que faço não é habitual, mas sempre fui muito boa a resposta de quem nos vai ver. Recordo um concerto que oferecemos para uma só pessoa, e não o cancelamos; foi um dos melhores concertos da minha vida".

WWW.MONICADENUT.COM

Cultura e crise

"Eu acredito no que faço; como espectadora acho que gostaria, o qual é lógico" explica, "mas outra coisa é chegar ao público; há poucos espaços e poucos recursos, assim que a seleção é muito mais dura. Vai-se ao seguro, ou pessoas muito conhecidas ou apostas que sabes que funcionam. Apostas comerciais entre aspas, ainda que haveria que revisar que significa hoje ser comercial".

A possibilidade de apresentar-se ao vivo vá da mão da profissionalização no setor. Para a maior parte dos músicos, os ingressos vêm de tocar ao vivo. Se não há espaços, periga a sobrevivência. "A profissionalidade do grémio vai a pique, porque tens que te dedicar a outras coisas para poder comer. E é uma mágoa porque estávamos a alcançarmos um nível de profissionalidade artística e técnica incrível. Mas não é sustentável a nível profissional dedicar-te exclusivamente a isso".

Mónica de Nut e Virxilio da Silva foram notícia no mês de agosto por serem expulsos do espaço uma vez começaram um concerto. "Este verão foi o colmo: uma semana deram-nos um prémio no Japão, a nível internacional, e na semana seguinte botaram-nos do lugar onde atuávamos. É absurdo". Uma anedota ou simples evidência de como é às vezes este país? "Evidencia que aqui as coisas funcionam assim; talvez vendesse algum disco mais, ou vieram mais pessoas a ver-nos pelo assunto".

> "Este verão foi o colmo: uma semana deram-nos um prémio no Japão, a nível internacional, e depois botaram-nos do local em que atuávamos”

O caso teve certa repercussão mediática, e o concerto repetiu-se, mas isso sim, noutro espaço. "Por outro lado, sim que cheguei a algumas pessoas que não me conheciam. Mas o que é claro, e levo anos a experimentá-lo, é que não trabalhas mais nem melhor porque te conheçam mais pessoas".

A notícia do concerto cancelado teve mais repercussão que o prémio que lhe outorgaram a ela e ao compositor Karolis Biveinis no Festival Internacional de Arte de Sapporo, no Japão, a peça ganhadora, Voicing (III parte) ficou entre as três primeiras, e o próprio diretor do festival indicou a dificuldade de eleger a melhor dada a qualidade das obras.

Futuro imediato

Neste contexto, o futuro é incerto. "Pessoalmente cansa a montra, o fume e a falta de coisas práticas. Que mais dá que tenhas muitos bolos se não te sustentam? Há muita farsa, e falsas expectativas que criam confusão; começas a fazer coisas e muitas vezes não vão a mais, ou mesmo vão a menos".

Mas perante a instabilidade do que há, é preciso adaptar-se, continuar a criar. "Vamos começar com uma produção com Pistacatro: teatro, circo e música. Eu vou fazer a música, que vai ser toda em direto, nada gravado. É algo diferente, é fazer música para uma criação conjunta. A estreia será na primavera".

Dos fios invisíveis chegam as cores

O seu primeiro disco junto com Paco Dicenta e Virxilio da Silva, Mónica de Nut Trio, coletou muito boas críticas, e mesmo foi nomeado melhor disco 2012 pela revista Distrito Jazz. "O primeiro disco é uma recriação de estilos e temas próprios, também com bases eletrónicas. Uma espécie de: aqui estou com todo isto e há que remexê-lo".

No segundo, Dos fios invisíveis chegam as cores, mão a mão com o guitarrista Virxilio da Silva "há muito de desafogo e de morrer e voltar a nascer. De fato, há dois lamentos, que é uma espécie de género na música clássica, o lamento duma personagem a quem lhe passa algo e desafoga. Muito de soltar, de colher forças". Dos fios invisíveis chegam as cores é música de mistura, "música palheira", com muito do tradicional, mas também de blues e de clássica, que dificilmente pode deixar indiferente a quem escuta.

Os seus discos podem ser comprados através da web www.monicadenut.com ou nos próprios concertos. Ainda que para poder vê-la sobre o cenário haverá que aguardar até o mês de fevereiro.

RICHARD CASCALHAR, 'DELOISE', PRODUTOR MUSICAL E FUNDADOR DA EDITORA LÍNGUA NATIVA

"Na verdade queremos uma aproximação galego-portuguesa no cultural e linguístico"

RUBÉN MELIDE / Quando a vanguarda e a tradição confluem com jeito, o resultado tem de ser forçosamente o sucesso. Ao que parece, vai ser o caso da editora Língua Nativa. Por cima de fronteiras impostas e com uma vocação cultural ruturista, a marca nasce com o intuito de cultivar géneros convergentes com a música eletrónica, como o hip hop, minimal, ambient, dub ou downtempo, sempre no âmbito da língua galega e portuguesa. O primeiro álbum da editora, virado para o hip hop, está pronto para sair neste mês de dezembro. No entanto, o fundador possui já uma considerável bagagem musical, que arranca em 1998 e cristaliza nos álbuns Epsistenza e Ciclos Eternos -divulgados pela editora lusa Matarroa- e no Área 51, editado pela galega Tres Catorce Netlabel. Com ele conversamos à volta do caráter e ideias que movem o projeto. Para conhecer mais acerca da Língua Nativa e o Deloise: www.linguanativa.com, soundcloud.com/deloise e deloise.bandcamp.com

O primeiro que chama a atenção ao ouvir o vosso trabalho é um som marcadamente afastado daquele que estamos habituadas a ouvir em produções destinadas ao rap. De onde é que se nutre esta sonoridade?
É certo que apesar de este ser um álbum de compilação de músicas de diferentes artistas, ficou com uma sonoridade bastante homogénea, imagino que fui eu quem condicionou isto com o meu gosto próprio, já que fui eu quem procurou os artistas.

O disco que acaba de sair a lume tem participação de um bom número de emcees de ambas as margens do Minho. Como é que foram surgindo os contatos? Teve mais importância a rede ou a coincidência em espaços físicos?
Poderíamos dizer que houve um bocadinho das duas coisas. Os artistas galegos conheço-os todos pessoalmente, e do resto, com exceção do Sarcasmo e do Ikonoklasta, foram surgindo através da internet, alguns deles há já mais de dez anos. No caso do Sarcasmo, ele já tem atuado na Galiza até em três ocasiões em concertos que eu mesmo arranjei. No caso do angolano Ikonoklasta, conheci-o na cidade do Porto, numa festa onde atuavam alguns dos artistas da editora lusa Matarroa lá pelo ano de 2006. Foi precisamente através desta editora (que divulgaram os meus dois primeiros álbuns), que fiz a maioria dos meus contactos.

No manifesto da editora, a língua -e nomeadamente a sua dimensão internacional- adquire uma importância capital. No trabalho concreto, a ideia materializa-se numa intensa colaboração galego-portuguesa. Parece existir uma forte pulsão a este respeito na vossa idiossincrasia...
Na verdade é que queremos que haja uma aproximação no que ao tema cultural e linguístico se refere, é por isso que resulta interessante para nós que haja uma representação de artistas galegos neste álbum. Aliás, gostaríamos de ser uma referência para futuros artistas galegos. Mas também não é algo transcendental para a viabilidade da editora. De facto, há já outros trabalhos em caminho de artistas portugueses a solo. Para nós seria um orgulho poder trazer registos em língua portuguesa de qualquer parte do mundo.

A pertença ao coletivo é permanente ou apenas se reduz à participação em trabalhos? Quem é que milita atualmente na Língua Nativa?
A Língua Nativa na atualidade apenas quer funcionar como editora, já que achamos que o facto de ter artistas sob a nossa marca poderia por em risco todo o projeto com uma prematura desvinculação dos mesmos. Imagino que se algum dia acabamos tomando a decisão de albergar artistas a modo de coletivo, terão que ser aqueles que de jeito natural acabem por se identificar com o nosso estilo e a nossa forma de trabalho.

"Para a Língua Nativa seria um orgulho trazer registos musicais em língua galego-portuguesa de qualquer parte do mundo"

Para além dos registos linguísticos, os rappers que participam têm estilos notoriamente diferentes entre si... Em que medida condiciona isto a produção musical?
Não condiciona em nada em absoluto. Tipo... todos os beatmakers e emcees que aparecem neste álbum têm gostos similares dentro dum estilo assim mais alternativo. Por isso não foi difícil trabalhar com nenhum deles, pelo menos no que às minhas músicas respeita. O que sim tem sido chato e dificultado muito o processo de elaboração do mesmo, é a incapacidade de manejar os tempos de trabalho através da internet. Sempre há demoras.

Um dos pontos que chama a atenção na declaração de intenções da Língua Nativa é o emprego das antigas marcas dos canteiros na comunicação visual. Parece que um outro traço da vossa personalidade é o entroncamento com a cultura ancestral destas terras. Haverá quem pense que isto entra em contradição com formas de expressão tão contemporâneas como as que vós cultivais...
Nada disso, mas se calhar não devera ser eu a responder a esta pergunta e sim o meu sócio Abisäl D3sign, que é quem leva toda a parte visual da editora. Mas acho que para quem chegue a ver a imagem corporativa da editora, rapidamente vai reparar em que não há nada de contraditório. Do meu ponto de vista o desenho gráfico está espetacular, muito à frente, muito contemporâneo.

RUGBY: CINCO BERZIANOS NA SELEÇOM GALEGA

Cinco jogadores da equipa U18 do Bierzo Rugby fôrom convocados para os treinos da seleçom galega realizados em fins deste mês no campo de Monteporreiro, em Ponte Vedra. Aliás, também dous jogadores sénior estám a adestrar com a Galiza sub-21.

DEPORTIVO APROVA AMPLIAÇOM DE CAPITAL

Com apoio de 96%, o clube aprovou a ampliaçom de capital social de 6 a 7,81 milhons que exige Fazenda. O atual presidente, Tino Fernández, anunciou que pedirá responsabilidades á equipa de governo anterior -comandada por Lendoiro- pelas irregularidades nas contas.

VANESA RIAL, JOGADORA DO CRAT-A CORUNHA

“Em ráguebi feminino a Galiza tem nível para competir com uma seleçom própria”

B.V. / Vanesa Rial (Boiro, 1982) enumera os seus méritos desportivos: 4ª no campeonato da Europa de ráguebi 7 disputado na França em 2005, campeoa do mundo de ráguebi 7 universitário em 2008 e em 2010, subcampeoa estatal de ráguebi XV em 2012... assim até encher algo mais dumha página. Os mais recentes, nos últimos dous veraos: em 2013 participa no mundial de 7 em Moscovo e em 2014 no mundial de XV em Paris. Jogadora do CRAT-A Corunha, acaba de regressar da França, a onde tinha emigrado à procura dum nível mais alto de jogo que lhe permitisse melhorar o seu. Em janeiro começa de novo a liga com a equipa galega e recupera o seu posto no campo, de abertura: Rial encarrega-se de coordenar a equipa e dirigir os seus movimentos.

Quando começou a praticar desporto e por que elegeu o ráguebi?
Comecei no liceu competindo ao andebol. É um desporto do qual também gosto muito, mas após conhecer o ráguebi dediquei-me por completo a ele. Foi na Corunha, enquanto estudava INEF. Em segundo ano um dos meus professores dava um seminário. Era também o treinador de Clube de ráguebi Universidade da Corunha e meteu-me numha equipa ao ano seguinte. Embora fosse graças a ele como conhecim este desporto devo nomear também à minha irmá Taciana, que jogava num clube de Boiro já nos anos de liceu.

A priori, as que nunca jogamos vemos nele um desporto de contacto brusco. Imagino que essa agressividade é mais umha tática e que na hora de treinar também a trabalham: como enfrentar a equipa contrária, onde golpear...
Sim, sim que se trabalham todas essas coisas: como dar os golpes e como receber, embora sempre haja algum que te apanha despistada e... [ri] Mas a agressividade que se percebe de fora nom é a mesma que existe dentro já que nós sabemos como atuar em cada situaçom e até se treinam as quedas para evitar as lesons, as 'fáceis', ao menos.

Percebe diferenças na prática de desportos entre homens e mulheres? Gostaria de jogar numha equipa mista?
Sim, há muitas diferenças. Os contactos nom som o mesmo porque o seu físico é muito superior ao nosso. Por isso na categoria sênior nom seria possível competir numha equipa mista. Noutras idades nom há problema, desde que som crianças até os 16 ou 17 anos. De facto, aqui as crianças que começam muito novas competem com eles, em equipas mistas, e nom se vê muita diferença.

Na Galiza joga no CRAT-Corunha, umha das equipas que destacam no Estado espanhol polo seu nível de jogo. Mas também foi convocada várias vezes para jogar com a seleçom espanhola. Que lhe traz mais satisfaçons: jogar com 'as suas' ou fazer parte da equipa estatal?
Som jogadora do CRAT, subcampeoa de Espanha, faço parte da seleçom estatal de ráguebi 7 e 15 e... nom posso responder a tua pergunta! [sorri] Nom poderia dizerche se me produz mais alegria jogar no meu clube com as minhas colegas e amigas ou jogar na seleçom, a onde cheguei com a luta do dia-a-dia, a partilhar tempo e espaço com as melhores e contra as melhores. Som... satisfaçons diferentes. Nom é possível comparar.

> “Nom poderia dizer se me alegra mais jogar no clube com as colegas ou na seleçom espanhola”

Som quatro as jogadoras galegas que saírom fora para se dedicarem ao ráguebi de maneira profissional na França. Porque? Não é possível fazer isso no Estado espanhol?
Fomos à França na procura dum maior nível de jogo, já que nos primeiros meses na liga galega o nível nom é muito alto. Mesmo assim, nos últimos anos é necessário destacar que na Galiza está a crescer o número de fichas e de equipas. Todas regressamos para a concentraçom da seleçom espanhola de ráguebi 7 para preparar a World Series de Dubai, o objetivo polo qual há que começar para a classificaçom dos Jogos Olímpicos de 2016. E em janeiro começamos a liga de divisom de honra, que som as melhores equipas espanholas luitando polo primeiro posto.

CENTROS SOCIAIS

CS Almuinha
Rosalia de Castro, 46 · Marim

Artábria
Trav. Batalhons · Ferrol

Bou Eva
Terço de Fora · Vigo

A Casa da Estación
Ponte d'Eume

Casa do Sar
Curros Enríquez · Compostela

CSO Casa do Vento
Figueirinhas · Compostela

CSOA Escárnio e Maldizer
Algália de Riba · Compostela

CSO A Kasa Negra
Perdigom · Ourense

LS do Coletivo Terra
Boa Vista · Ponte d´Eume

A Cova dos Ratos
Romil · Vigo

Distrito 09
Coia · Vigo

Ateneu Libertário A Engranaxe
Rio Sil · Lugo

Faísca
Calvário · Vigo

Fervesteiro
Adám e Eva · Ferrol

O Fresco
Bº da Ponte · Ponte Areias

O Fuscalho
Frente à Atalaia · Guarda

A Galleira
R. Hernán Cortés - Ourense

Gomes Galoso
Monte Alto · Corunha

CS Harar
Corredoira Luis Cadarso - Noia

Liceo Murante
Rosalia de Castro · Ponte Vedra

CS Lume!
Rouxinol nº16 · Vigo

Mádia Leva
Serra de Ancares · Lugo

CSO Palavea
Palaveia · Corunha

O Pichel
Sta. Clara · Compostela

A Revolta do Berbés
Rua Real · Vigo

A Revolta de Trasancos
A Faísca · Narom

A Tiradoura
Reboredo · Cangas

CS VagaLume
R. das Nóreas, 5 · Lugo

CS Xebra
Leandro Curcuny · Burela

CSO Xuntas
Rua do Carme · Vigo

CS A Zalenvá
R. Carris, Valença · Barbadás

ÁLEX MARQUE PEDALARÁ EM PORTUGAL

Após o ano perdido ao rescindir de maneira unilateral o seu contrato Movistar por um falso positivo, o ciclista estradense Álex Marque vem de assinar com umha das equipas mais emblemáticas de Portugal, o Efapel-Glassdrive. Junto a ele correrá Óscar González, ciclista também estradense e campeom estatal na categoria sub-23 contra-o-relógio neste ano na cidade de Ponferrada.

A ULTRAFONDISTA GALEGA CRISTINA GONZÁLEZ FAI HISTÓRIA

A arousá Cristina González, quatro vezes campeoa estatal, converteu-se este novembro na primeira atleta do estado espanhol a participar num campeonato mundial dos 100 qms. Apesar dos seus tempos -sexta europeia e oitava do mundo em junho-, a sua participaçom na prova disputada no Catar ficou velada polas proibiçons das autoridades de Doha, que a obrigaram a correr com uma camisola que lhe cobrisse por completo a cintura.

Voltemos à Galiza. Daria para formar umha seleçom própria?
Sim! O conjunto galego hoje é terceiro na Espanha e este ano lutaremos polo primeiro posto. De modo que sim, o nível é alto para competirmos e, como te comentava antes, esse nível continua a crescer, tanto em jogo como em fichas e equipas.

Lembro o primeiro (e único) jogo que me tocou cobrir: um do CRAT contra as Gotics onde vocês ganhárom por 100 a 0. Foi o primeiro encontro de ráguebi feminino que emitiu a TVG, em diferido e através do segundo canal. Até esse dia a televisom pública nom tinha retransmitido nunca ráguebi galego...
Sim, eu também lembro esse dia. A verdade é que foi uma mistura de surpresa e alegria porque que a TVG emita um jogo de ráguebi já é umha vitória! Além de ser também umha ajuda para a difusom do próprio desporto e que todos e todas vejam que na Galiza existe esse nível para competir de que falávamos antes. É importante também porque o nosso nom é um desses desportos que estamos acostumados a ver pola televisom e entom comprovamos que há algo mais que futebol e basquete.

Quais som os seus referentes no desporto? E no ráguebi?
Acho que todos os desportistas temos um referente, ainda que nom compita no mesmo desporto que nós. No meu caso é Rafa Nadal porque me parece um desportista de muitíssima qualidade. No ráguebi? Com certeza, Jonny Wilkinson, um dos grandes e que cumpre com todos os valores deste desporto.

Dous homens...
Sim [sorri]

Enquanto me documentava para realizar esta entrevista lim outras as respostas doutras jogadoras de ráguebi e também citavam sempre homens como os seus referentes. Porque? Nom há nenhuma desportista que cumpra com todos os valores deste desporto, como você diz?
Há, sim. Mas quando começamos a jogar nom existia umha presença mediática do ráguebi feminino como pode haver agora. Entom nos únicos que podias reparar para tentares melhorar era nos jogadores homens, que era o que vias na televisom.

Agora mesmo joga no Blagnac Saint-Orens Rugby Féminin de Toulouse. Como tomou a decisom de emigrar? Lim que a sua equipa ganhou a une em 1990 e 1993. É umha equipa grande? Que diferenças encontra na consideração que tem o ráguebi feminino na França e a que tem aqui?
No BSORF joguei durante os meses de setembro e outubro, a metade da liga, porque tivem que voltar a Espanha. Estou em Valladolid numha concentraçom para as World Series de Dubai que se compete nos dias 4 e 5 de dezembro. Já nom volto à liga francesa porque em janeiro começa a liga com o CRAT.

À França fum polo nível de jogo e das jogadoras, para desfrutar da experiência numha equipa diferente à tua de sempre e para poder experimentar outras formas de treinar e competir, porque o nível lá é maior.

Imagino que praticar um desporto de maneira profissional a obrigou a organizar muito bem a sua vida para que nom a absorva...
No meu caso, era estudante quando comecei e depois fui procurando pequenos empregos para compaginar e sobreviver. Mas nos dous últimos anos, quando a prática se voltou mais profissional, compaginar ambas as cousas era impossível porque a dedicaçom era total. Poderia continuar com os meus estudos, mas nom tivem a oportunidade.

Neste último ano, que é importante para conseguir a classificaçom para os Jogos Olímpicos, devo dizer que as que nos dedicamos ao ráguebi 7 recebemos a bolsa ADO. Todo isto obriga-te a deixar muitas cousas atrás, como um emprego ou umha vida social, para ter umha disponibilidade completa.

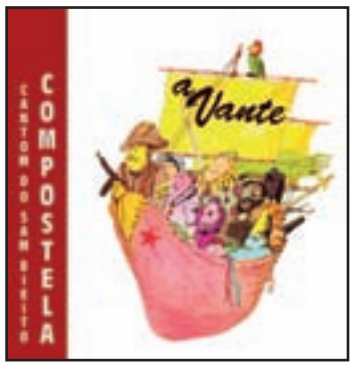
Documentário dá a conhecer o mundo do escalador e percebeiro Bendecorme

A PEÇA DIRIGIDA POLO COMPOSTELANO PABLO CES ESTREOU-SE ESTE MÊS EM CORME

B.V. / 'O eslabón perdido' é o nome dumha linha de boulder que o escalador Benito Santos, 'Bendecorme', leva vários anos a experimentar. E é também o nome dum documentário dirigido polo compostelano Pablo Ces, que mostra a atividade de Santos como escalador combinada com outra atividade também de risco e relacionada com o seu próprio emprego: percebeiro profissional.

Gravada na Costa da Morte, a peça repassa, pois, o dia-a-dia de 'Bendecorme', um dos máximos expoentes na Galiza em boulder, umha modalidade de escalada que se pratica em rochas de 4 ou 5 metros e sem mais ajuda que a força do ou da escaladora. O protagonista, Benito Santos, mora em Corme. Passa por volta de três horas ao dia baixo a água, dedicado ao seu trabalho como mergulhador recoletor. Segundo ele mesmo tem explicado, "é nesta ponta, banhada polas águas mais ricas do Atlántico, carregadas de plancton e com umhas condiçons de mar muito agitado que as oxigenam e enriquecem para parir os melhores percebes do mundo: o percebe do Roncudo". O resto do seu tempo destina-o ao boulder.

"A Galiza é o meu laboratório de boulder", tem declarado Santos para o portal web Desnivel. Assegura que tenta escalar em todos os lugares do país, mas recomenda lugares próximos à sua morada, nomeadamente Corme, Mens e Trava. Nesta última localizaçom, diz Bendecorme, o granito é "mais pinchudo", mas "dá algumas das melhores linhas de boulder da contorna". Aliás, destaca Lugo pola variedade de rocha, e Ourense "onde se calhar há a concentraçom de rocha e paisagem mais brutal da Galiza". O documentário pode ser adquirido através da internet (*www.eslabonperdidodocu.com*) para que quem o deseje aprenda a olhar para as rochas, e para os obstáculos, a partir doutra perspectiva diferente.

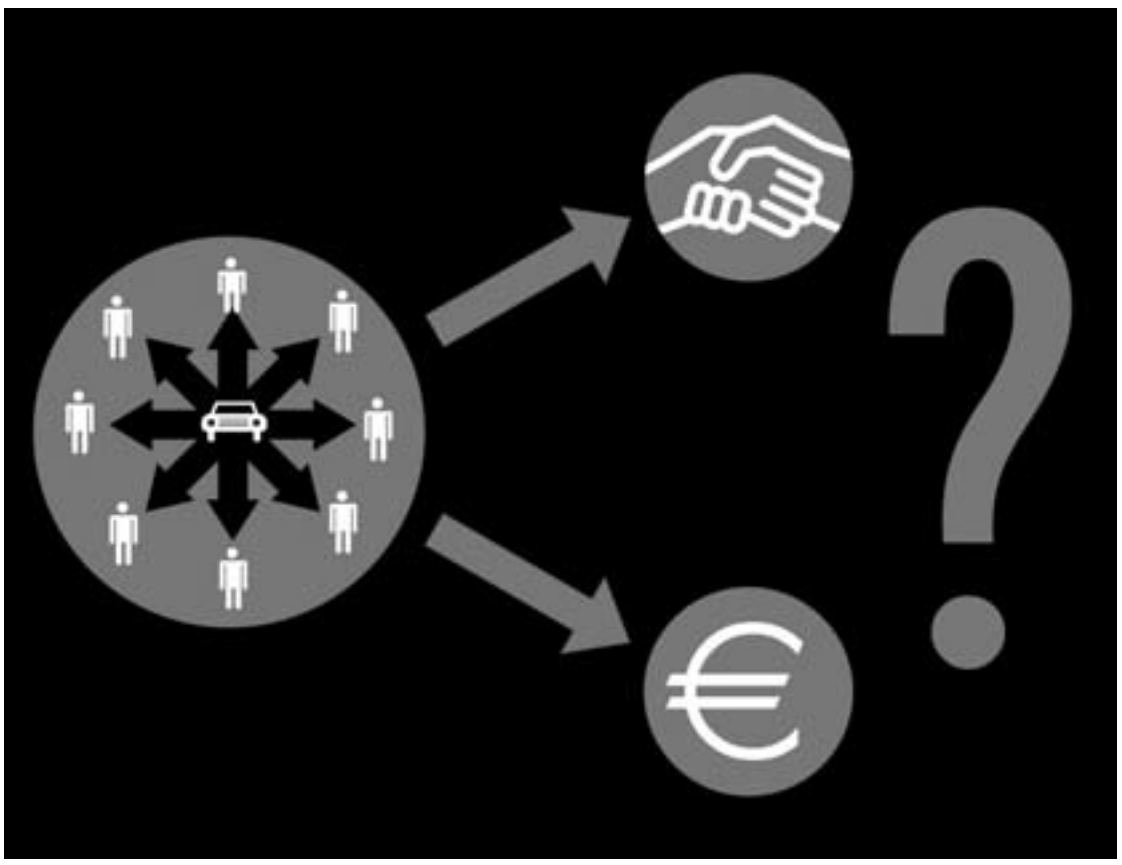


TEMPOS LIVRES

CONSUMIR MENOS

Consumo colaborativo

XÁN DURO / A explosom de iniciativas denominadas de consumo colaborativo estám a criar tensons em determinados setores e a evoluçom dalgumhas iniciativas estám-se a afastar da ideia inicial colaborativa. Por umha parte, estou totalmente a favor do conceito e da maior parte destas iniciativas. Creio firmemente que o futuro reside no acesso aos bens (materiais) e nom na sua possessom, além do imprescindível e/ou inevitável. E afirmo que creio nom como artigo de fe, senom como umha realidade obrigada pola diminuiçom exponencial dos recursos e matérias primas básicas para a sua fabricaçom.



Agora bem, umha parte destas iniciativas está baseada na troca "dinheiro por serviço" e nom "partilhar custos do serviço". Explico-me: Bla Bla Car é umha rede que permite partilhar carro e gastos para um trajeto que define a pessoa condutora e assim reduzir os custos para todas. Tem um calculador de custos que, segundo di a web, ajusta o preço para que a pessoa condutora nom obtenha benefícios e unicamente cubra os gastos do veículo. Pola contra, o portal Uber, pom em contacto condutores com usuários para contratar trajetos urbanos definidos polo usuário em troca dum pagamento. Isto é economia paralela e circulaçom de dinheiro negro, B ou como queiramos chamar-lhe.

Eu entendo o coletivo taxista quando protesta contra este tipo de iniciativas e considero que tenhem razom: é umha competência desleal que só beneficia o usuário de Uber e prejudica o conjunto da sociedade.

Sem entrar na discusom de se os preços dos taxis, ou qualquer coletivo afetado por práticas deste tipo (ver AirBnB e a hospedaria) som mais ou menos abusivos, se as taxas e impostos que suportam som mais ou menos justos, temos que reconhecer que som os impostos sobre a atividade económica os que mantenhem a trama da administraçom do nível que seja e, portanto, qualquer atividade em "B" vai em detrimento de todas.

O Consumo Colaborativo e ramificaçons semelhantes, potenciadas polas novas tecnologias, vinhérom para ficar. Som umha realidade que a administraçom deve enfrentar elaborando umha regulamentaçom que permita a um particular realizar atividades adscritas a esta definiçom, atendo-se a umha série de condiçons que nom suponham umha competência desleal para setores já estabelecidos e com umha cobertura legal de taxas impositivas acordes.

ENTRELINHAS

POLITICAMENTE INCORRETA. ENSAIOS PARA UM TEMPO DE PRESSAS

SÍLVIA PINHA / Toda vez que algumha *das nossas* publica um escrito ou fala em público sentimos a tentaçom de afinar o ouvido (ou a vista) e atender onde é que vai surgir a contradiçom, aquela que nos faga dizer: "pois, eis a tara", "aí eu nom concordo", "já sabia que...". Nom vai ser a exceçom. Como se dum manual de resistência ao quotidiano se tratasse, Teresa Moure coloca no tabuleiro as questons que vam brincando no devir dos nossos dias. Poderia ser umha oda aos nossos méritos, mas polo contrário mete o dedo no olho de cada pseudo-certeza. O título nom deixa lugar a dúvidas, nom pretende arrancar sorrisos de satisfaçom e autocomplacência entre o público.

A autora apresenta umha seleçom de textos, alguns já conhecidos e outros inéditos, juntando-os segundo o incomodo que provocam. Poderíamos argumentar que o público leitor a que vai dirigido o livro nom deveria sentir-se tam constringido (editorial reintegracionista, autora conhecida...) e, portanto, a advertência sobra, nom é?

Pois nom. Todo incomodo carreja um pruído, mesmo se o assumimos. O que calamos, o discurso subterráneo, tem muito a dizer. Teresa Moure coloca as nossas contradiçons, ordenadas e despidas, que se calhar nunca tínhamos nomeado. Já fosse por vergonha ou por "isto é assim de sempre". E porque há discursos fáceis de integrar e outros nom tanto. Mas também existem os caminhos a percorrer. Haverá quem bote as maos à cabeça quando a autora se postula polo vegetarianismo sem ter em conta que um passinho no consumo louco de proteína animal é também um passo contra o progresso que chega em forma de AVE ou arte enlatada.

De todos modos Moure nom pretende convencer de passar do Mal ao Bem "porque sim". Nada mais longe da realidade. O que fai é pôr a mesa com calma e pousar nela as travessas cheias. Conhece mais ou menos os gostos das convidadas, mas se calhar nem todas gostam de todo, e daí a variedade. Talvez alguém leve umha enchenta e outra só vaia petiscar. Algumha provará o desconhecido e outra o de sempre, por ir ao seguro.

Há um fio condutor quase da primeira à última página. É o do poder das palavras. Existe quem pensa que aquilo que nom se transforma em palavra nom é. Se somos seres verbais é porque nom nos chegam os acenos, embora sejam a parte mais importante da conversa. Construímos a realidade de acordo com as palavras que acumulamos desde crianças, tentando encaixá-las onde nom chegamos apenas sós. Aparafusamos, colamos. Estas palavras venhem-nos dadas pola história, o entorno, pola língua em que nos desenvolvemos... Mas o mundo nom é um objeto estático e uniforme. Quando aparecem os limites semánticos, o que fazer? Manejamo-nos em vocabulários finitos, embora o pensamento vaia bem por diante. A autora fornece-nos exemplos claros quando se trata das categorias de género, fixadas como homem-mulher até que se verbalizou que havia quem nom se sentia a gosto e houvo que abrir o leque. Mas também o capital reduziu o nosso País a recurso, e nomeia de *desenvolvimento sustentável* umha sorte de consumismo de exculpaçom.

Podemos desfazer, refazer, inventar... conhecermos as gramáticas, da linguagem e da vida, é o que nos dá a força para compor o mundo que queremos.

Politicamente Incorreta
Ensaios para um tempo de pressas.
Teresa Moure
Através Editora, 2014

QUE FAZER

16.11.2014 / JORNADA 'MONTAGEM DUM SISTEMA FOTOVOLTAICO. ALTERNATIVAS PARA O CONSUMO DE ELETRICIDADE RENOVÁVEL' / 10:30 no Centro de Educaçom Ambiental As Corcerizas (Pista forestal Arnuide – Sam Mamede Km. 10 – Arnuide). VILAR DE BARRIO
Organizam Amigos da Terra e Cooperativa NosaEnerxía.

16.11.2014 / FESTIVAL POEMAGOSTO / 11:00 no Ecoespaço O Rexo (Requeixo de Valverde). ALHARIZ
Jornada lúdico-reivindicativa com atividades infantis, palestras, música e poesia.

16.11.2014 / ATUAÇOM DE ESQUÍOS / À noite na Associaçom Xebra (Rua Leandro Cucumy, 19). BURELA
Apresentam o disco 'Estamos aquí'.

18.11.2014 / MERCADO ENTRE LUSCO E FUSCO / 17:00 no parque de Belvis. COMPOSTELA
Feira de produtos locais, biológicos e de comércio justo. Todas as terças-feiras.

18.11.2014 / PROJEÇOM DE *DIVINAS PALABRAS* / 19:00 no Ateneu Ferrolano (Rua Magdalena 202-204). FERROL

18.11.2014 / CHARLA INFORMATIVA SOBRE PRODUÇOM PRIMÁRIA / 19:00 no Ateneu Ferrolano (Rua Magdalena 202-204). FERROL

18.11.2014 / HOMENAGEM À I ASSEMBLEIA NACIONALISTA / No C.S. Mádia Leva (Rua Serra dos Ancares, 18). LUGO
Hora e programa pendentes de confirmaçom no blogue *http://agal-gz.org/blogues/index.php/madialeva/*.

19.11.2014 / FORO ABERTO DE DEBATE: CENTRO DE SAÚDE DE MARIM / 20:00 na Biblioteca Municipal (Avenida de Ourense, 6). MARIM
Intervenhem Manuel Martín e Luisa Lores. Organiza o Movemento Veciñal a prol dos Bens Comúns.

19.11.2014 / PROJEÇOM DE *A CARALLLHUDA CANÇOM DO DOCE SWEETBACK*, DE MELVIN VAN PEEBLES / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
VOSG. Organiza o Cineclube de Compostela.

20.11.2014 / PROJEÇOM DE *DIÁRIOS DA RUA*, DE RICHARD LA GRAVENESE / 17:00 na Sala de Juntas da Faculdade de Ciências da Educaçom. COMPOSTELA
No ciclo de cinema e educaçom social do Colégio de Educadoras e Educadores Sociais de Galiza (CEESG).

20.11.2014 / PROJEÇOM DE *LLUEVE SOBRE SANTIAGO* / 20:30 no Ateneu Libertário A Engranaxe (Rua Rio Sil, 52). LUGO
Dentro do ciclo de cinema sobre 'Ditaduras'.

21.11.2014 / MAGUSTO ASSOCIATIVO / À tardinha na Praça de Campo Castelo. LUGO

21.11.2014 / FILISPIM VAI À FUNDAÇOM ARTÁBRIA / 20:00 na Fundaçom Artábria (Travessa de Batalhons, 7 - Esteiro). FERROL

DO 6 AO 8 DE DEZEMBRO NO ATENEU

Ferrol acolhe um congresso polo centenário da feminista Hildegart Rodríguez Carballeira

O Ateneu Ferrolano e a Comissom pola Recuperaçom da Memória Histórica organizam em Ferrol, os dias 6, 7 e 8 de dezembro, o 'Congreso Centenario Hildegart Rodríguez Carballeira'.
As atividades começam na tarde da sexta-feira, 5 de dezembro, com a conferência inaugural do congresso. O programa continua no sábado com umha ponência sobre 'Hildegart e a reforma sexual no primeiro terço do S. XX' (de manhá) e outra sobre 'A figura histórica de Hildegart Rodríguez Carballeira' (de tarde). Na jornada do domingo vai-se falar sobre 'Hildegart e a oposiçom de esquerdas na II República' (de manhá) e sobre 'As mulheres do tempo de Hildegart' (de tarde). Os atos encerram na segunda-feira com umha homenagem a esta militante e investigadora socialista e feminista especializada, entre outros eidos, no estudo da reforma sexual.
Há mais informaçom no website criado para o congresso: *http://congresohildegart.ateneoferrolan.org/*.

EM COMPOSTELA

XI Jornadas Anarquistas

"Individualidades anarquistas" promovem, do 15 ao 29 de novembro, as XI Jornadas Anarquistas de Compostela no CSOA Escárnio e Maldizer (Rua Algália de Arriba, 11). Vai-se falar do anarquismo em Portugal (dia 15), de libertaçom animal (dia 20), das experiências de luita contra a minaria a céu aberto (dia 21) ou de defesa do bairro de Gamonal (dia 22), de redes solidárias (dia 27), de exploraçom infantil (dia 28) e de arredismo e anarquía (dia 29). Todas as sessons começam às 20:00.

FESTIVAL

A Rebusca de inverno em Maceda

A associaçom cultural A Rebusca organiza em Maceda a ediçom de outono do seu festival. Será no fim-de-semana do 21 e 22 de novembro.
Na primeira jornada atuam Cuchufellos, Sonido Vegetal, Chotokoeu e Hadri H, e na segunda Zurrumalla, Terbutalina, Esne Beltza, Pas de Probleme e Brigada AM Soundsystem. A entrada por um dia custa 5 euros; comprando-a para os dous dias o preço é de 8 euros.

21.11.2014 / ATUAÇOM DE ADRIÁN LEVIATHAN / 22:00 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO

22.11.2014 / CURSO DE COZINHA VEGANA / 10:50 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO

22.11.2014 / CURSO DE FOTOGRAFIA NOTURNA / 17:00 no Ateneu Ferrolano (Rua Magdalena 202-204). FERROL

22.11.2014 / CONCERTO DE ATAQUE ESCAMPE E THE LOST OMELETTE / 20:30 no Liceo Mutante (Rua Rosalia de Castro, 100). PONTE VEDRA

25.11.2014 / PROJEÇOM DE *EL SR. IBRAHIM Y LAS FLORES DEL CORÁN* / 19:00 no Ateneu Ferrolano (Rua Magdalena 202-204). FERROL

26.11.2014 / REPRESSENTAÇOM DE 'EN LA PLAZA DE MI PUEBLO' / 20:00 no Ateneu Libertário A Engranaxe (Rua Rio Sil, 52). LUGO
Pola companhia Títeres desde Abajo.

26.11.2014 / PROJEÇOM DE *WILD STYLE*, DE CHARLIE AHEARN / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
VOSG. Organiza o Cineclube de Compostela.

27.11.2014 / PROJEÇOM DE *ESTO ES RAZA* / 20:30 no Ateneu Libertário A Engranaxe (Rua Rio Sil, 52). LUGO
Dentro do ciclo de cinema sobre 'Ditaduras'.

29.11.2014 / APRESENTAÇOM DA REVISTA LITERÁRIA 'ELIPSE 4' / 20:00 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO

29.11.2014 / TRIBUTO A SILVIO RODRÍGUEZ / 21:30 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO
Projeçom, leitura de poemas e micro aberto.

29.11.2014 / SESSONS H.A.L.O. IMPRO VIGO / 22:00 no C.C. Distrito 9 (Caminho Figueirido, 89 - Coia). VIGO
Atuam Pablo Sax (saxos), Nacho Madamme Cell (sintes-elect.-piano) e Fernando Abreu (clarinetes).

30.11.2014 / CURSO DE BAILES AGARRADOS / 17:00 na sede da A.V.C. Casco Vello (Avenida Cánovas del Castillo, 2). VIGO

30.11.2014 / REPRESSENTAÇOM DE *MORTE ACIDENTAL DUM ANARQUISTA*, DE DARIO FO / À tarde na Casa da Cultura (Rua Rainha Dona Urraca, s/n). SALVATERRA DE MINHO
Atua o Grupo de Teatro do Local Social Faísca. Organiza a SCD do Condado.

05.12.2014 / MASTERCLASS DE CESTARIA: DEMOSTRAÇOM PRÉVIA AO NATAL / 19:30 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO

05.12.2014 / APRESENTAÇOM DO POEMÁRIO *VIDA CONCLUSA*, DE MÁRIO HERRERO / 20:00 na Fundaçom Artábria (Travessa de Batalhons, 7 - Esteiro). FERROL
Com a presença do autor.

10.12.2014 / FESTA DA GALINHA DE TROIA / 22:00 na Sala Moon (República Argentina, 35). COMPOSTELA
Atuaçons de Protestango e Som do Galpom.

12.12.2014 / APRESENTAÇOM DA COOPERATIVA ALDEA / 20:30 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO

ENVIA CONVOCATÓRIAS ao correio agenda@novasgz.com antes do dia 12 de cada mês. Anuncia os teus atos no NOVAS DA GALIZA.

NOVAS DA GALIZA

Apartado 39 (15701) COMPOSTELA | info@novasgz.com

ALQUIMIA DRUANTIA

“O conhecimento popular é anti-capitalista porque dá soluçons sem intermediários”

ANA VIQUEIRA / As gordas, as peludas, as que tenhem rugas mais estrias, essas som as pessoas lindas para Druantia. Um projeto com base no rural que recolhe dos produtos locais e a sabedoria popular para elaborar produtos de higiene, do gel e o champô até cremas para peles atópicas. As Druantias, Charo Lopes e Carla Trindade, figérom deste projeto, que começou como algo pessoal, umha bolha de resistência nada no rural galego.

Quando figestes trincheira?
Como Druantia, há um ano. Ao mudar-nos para umha casa na comarca de Arça -onde vivemos em comunidade de mulheres – vimos a riqueza da nossa natureza, de repente vês centos de cousas de graça! Entom, primeiro por saúde, quigemos elaborar nós mesmas os produtos de higiene como o gel ou o champô ao mesmo tempo que fomos fazendo nosso o conhecimento popular.

Entom começastes fazendo os produtos para vós?
E para as nossas amigas, mães... Fomos expandido-nos mediante a nossa rede de afetos. Conheço o nome e as vidas da maioria de pessoas que contactam conosco. De facto, falamos de Tribo. Conformamos umha comunidade, assim podem colaborar dizendo-nos se algum produto pode ser melhorado, o qual nos permite avançar em conjunto.

A Tribo Druantia tem em comum convosco esse cuidado pola saúde e a intencionalidade de fugir dos produtos químicos. Mais também há por trás umha forma diferente de entendê-lo mundo?
Claro! E esta construçom que fazemos também é combate. Os produtos de saúde, higiene e cosmética no mercado capitalista estám envolvidos dumha violência total, das patentes à propaganda misógina, por isso é umha alternativa necessária. Umha alternativa que nom alimente indústrias que faturam milhons a vender químicos e petróleo para pôr sobre a nossa pele, a nossa boca, o nosso cabelo e que ainda perpetue toda umha violência contra nós próprias. Os nossos som produtos anti-nada. Trabalhamos para repensar o consumo e desconstruir os nossos desejos.

Trabalhar os auto-mimos?
Descolonizar os desejos e construirmo-nos como o desejável. As nossas lindas som as peludas, as gordas... as que tenhem rugas, as que se ponhem blush e as que nom. Sentimos Druantia como umha construçom coletiva: todas somos as nossas Maris!

Realizades os vossos próprios produtos, com umha base ecológica e autóctone e estades fora dos estereótipos mercantis. Pode-se fazer deste gesto umha forma de rebeliom contra a alienaçom e a perda de identidade?
É construirmo-nos como galegas. Hoje em dia umha pessoa de Vigo tem mais que ver com umha neoiorquina que com umha galega de há quarenta anos. Fam falta mais frentes, claro, mas criar projetos alternativos também é umha forma de luitar por umha Galiza livre. Umha Terra com soberania alimentar, sem necessidade de ser gestionada desde arriba, pôr em valor o local, o que nos sabemos, e nom o que a indústria destaca que é o exótico, o desconhecido. O conhecimento popular é anticapitalista porque oferece soluçons sem passar por intermediários. Sabes? Na Galiza há rosa mosqueta, urtigas, menta, águas termais, hipérico... que estám desprezadas pola cotidianidade e, em realidade, tenhem umha enorme riqueza.

Aliás, Druantia está muito ligada à vossa vida. Portanto, a transformaçom social que queredes tecer forma parte dumha transformaçom individual, como é isso?
A nossa vida forma parte do projeto e vice-versa sem existir a separaçom entre trabalho e nom trabalho. Nesse eido, sinto que nos situamos numha espécie de pré-capitalismo. Saímos procurar ervas, plantamos na horta... e conectamos com os bioritmos da Terra. Somos a reencarnaçom das bruxas! Reconstruímos as nossas identidades fora do frenetismo e a modernidade. Também chegamos aqui com umha perspectiva consciente do que nos fai estar no rural, umha descolonizaçom político-intelectual. Assim, a partir da nossa comunidade, fazemos esta bolha de resistência que queremos espalhar. Fugimos de ser umha elite social, todo o contrário, queremos compartilhá-lo todo. Tomar consciência de que os produtos estám politizados, existe um conflito com a globalizaçom. Perante isto dizemos: conhecemos a sabedoria popular, temos produtos da nossa Terra e vamos contra ti.

A pretensom de ser cada dia um pouco mais livres.
Forma parte do nosso empoderamento! Somos capazes de fazer sabom, é muito fácil elaborá-lo, e podemos estabelecer redes além do sistema. Por isso nos interessam os grupos de consumo, a moeda social...

Nom voltarias para a urbe?
(Fai umha pausa e ri) Ainda que voltasse já nom seria a mesma.

Séchu Sende

UM TIPO MUI BEM EDUCADO

Conheço um tipo que quando chega à cabina da autoestrada, ou ao supermercado, ou à frutaria, espera a que a pessoa que atende fale em primeiro lugar... Se a outra pessoa di 'Bom dia', ele di 'Bom dia'. Se di 'Buenos dias', ele di 'Buenos dias'. Se a outra pessoa nom di nada ele... ele nom sabe que fazer... Baixa a cabeça, em silêncio, paga, em silêncio, e vai-se...

Digérom-lhe um dia na escola, um mestre que se chamava Benjamin, que para falar a sua língua, a da sua família, a de aqui, deve primeiro esperar a ver em que língua lhe falam. Deves falar na língua em que che falem, dizia com um sorriso na boca. Digérom-lhe que fazer outra cousa nom é de boa educaçom. Apreendeu-no assim, e assim um dia trás outro...

Cada dia fala menos a sua língua porque cada dia menos gente fala a sua língua. Mesmo dá com gente que habitualmente fala a mesma língua que ele, mas que.... ao saudar di 'Ola', ou 'Hola' e, claro, assim, de entrada, nom sabe se é com H ou sem ele... E por se acaso a conversa segue na outra língua, nom vaia ser que pensem o um do outro que som uns maleducados. E ainda que os dous falárom sempre a mesma língua, a sua, a de aqui, acabam falando a outra, porque é de boa educaçom, seica...

Hoje, por exemplo, ao tipo que pensa que é mui bem educado ninguém lhe falou a sua língua no supermercado, na frutaria nem na cabina da autoestrada e ele também nom falou a sua própria língua. Seria de má educaçom. Ontem, tampouco, e anteontem, também nom. Cada dia fala menos a sua língua, e a isso chamam-lhe boa educaçom. Boa educaçom, disque.